

Te a Ciência
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS



**MÉRITO
UNIVERSITÁRIO**

Pelotas, RS - 1976

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**MÉRITO
UNIVERSITÁRIO**

Pelotas, RS - 1976

APRESENTAÇÃO

Sem pretender repetir Dunschee de Abranches, em relação aos primeiros tempos do 1º Governo Provisório da República, - a Universidade Federal de Pelotas não deve descuidar-se do registro de a contecimentos que passaram a informar seu surgimento e os anos iniciais de sua trajetória.

Não se prende, para isso, a moldes determinados de estilo. Não oferece, à consideração dos atuais leitores e à pesquisa de amanhã, material fartamente elaborado, de forma a dispensar análise de maior profundidade.

Singelamente, registra atos, que significaram alguns de seus momentos mais significativos, mercê das circunstâncias que lhes deram origem.

Ao fazê-lo, no entanto, oferece os subsídios necessários para os livros do futuro, na serena convicção de um esforço que foi realizado, de uma tarefa que foi cumprida, de um ideal universitário que, por partes e sucessivamente, está sendo atingido.

Previstas nas normas vigentes da instituição, várias personalidades, incluindo, entre elas, professores, têm sido agraciadas, em reconhecimento de relevantes serviços prestados.

Este volume enfeixa o registro das solenidades de imposição dos diplomas, títulos e condecorações, até a presente data.

Pelotas, março de 1976

Delfim Mendes Silveira

Reitor

ESTATUTO DA UNIVERSIDADE

Aprovado pelo Parecer nº1.149/72, do Conselho Federal de Educação e homologado pelo Ministro da Educação e Cultura a 20 de outubro de 1972.

D.O. de 31.10.72, pg. 9644.

Art. 135 - Haverá os seguintes títulos e dignidades universitárias:

- I - Doutor "honoris causa", destinado a personalidades que se hajam distinguido pelos relevantes serviços prestados à causa da educação e dos princípios fundamentais da nacionalidade;
- II - Professor "honoris causa", destinado a professores e cientistas insígnes, alheios à Universidade, que tenham contribuído para o desenvolvimento do ensino e pesquisa;
- III - Professor Emérito, destinado aos professores aposentados que tenham alcançado posição eminente na Universidade;
- IV - Medalha do Mérito Universitário, destinada a premiar quantos, dentro ou fora da Universidade, se tenham salientado por relevantes serviços prestados à instituição.

REGIMENTO GERAL DA UNIVERSIDADE

Aprovado pelo Parecer nº3.506/75 do Conselho Federal de Educação - Homologado pelo Ministro da Educação e Cultura, D.O. de 11 de março de 1976, pg. 3.413. - Processo MEC, nº206.101-75. Processo CFE nº 13.412-75.

Art. 337 - Haverá os seguintes títulos e dignidades universitárias:

- I - Doutor "honoris causa", destinado a personalidades que se hajam distinguido pelos relevantes serviços prestados à causa da educação e dos princípios fundamentais da nacionalidade;
- II - Professor "honoris causa", destinado a professores e cientistas insígnes, alheios à Universidade, que tenham contribuído para o desenvolvimento do ensino e pesquisa;
- III - Professor Emérito, destinado aos professores aposentados que tenham alcançado posição eminente na Universidade;
- IV - Medalha do Mérito Universitário, destinada a premiar quantos, dentro ou fora da Universidade, se tenham salientado por relevantes serviços prestados à instituição ou aos órgãos de que se originou;

V - Medalha do Mérito Administrativo, para seus funcionários que se houverem distinguido por relevantes serviços prestados no exercício de suas funções;

VI - Colar da Universidade, que acompanhará a concessão do título de Professor "honoris causa" e Doutor "honoris causa";

VII - Grande Colar da Universidade, destinado aos professores da Universidade que se hajam distinguido na causa da educação ou em grandes serviços prestados à Nação.

RELAÇÃO DAS DIGNIDADES E TÍTULOS UNIVERSITÁRIOS
CONFERIDOS E IMPOSTOS ATÉ MARÇO DE 1976,
POR ORDEM CRONOLÓGICA

MEDALHAS DO MÉRITO UNIVERSITÁRIO

1. Cel. Oliveiros Lana de Paula - 27.01.1972
2. Dr. Edmar Fetter - 16.11.1973
3. Prefeito Ary Rodrigues Alcântara - 30.11.1973
4. Prof. Eurico Kramer de Oliveira - 27.12.1973
5. Prof. Cecy da Nova Cruz Sacco - 27.12.1973
6. Prof. Jorge Honório M. de Brito - 02.04.1974
7. Dr. Konrad Männel - 27.06.1974
8. Prof. Francisco Louzada Alves da Fonseca -
14.10.1975
9. Dr. Edmundo da Fontoura Gastal - 02.01.1976
10. Prof. Edson Machado de Sousa - 19.03.1976

DOUTOR "HONORIS CAUSA"

Senador Jarbas Gonçalves Passarinho - 23.05.1975.

CEL. OLIVEIROS LANA DE PAULA



SOLENIDADE REALIZADA EM 27 DE JANEIRO DE 1972

Saudação às autoridades.

Cel. Oliveiros Lana de Paula.

Pela primeira vez, se reunem em conjunto os membros e futuros membros dos Conselhos Superiores desta Universidade, ocorrência de si própria significativa; mas ainda porque a reunião não é de rotina, senão para conferir, igualmente pela primeira vez, a "Medalha do Mérito Universitário".

A mesma distinção já foi outorgada para o Vice-Governador, Dr. Edmar Fetter, para o Deputado Ary Alcântara, para o Prefeito Prof. Alves da Fonseca e para os professores Eurico Kramer de Oliveira e Cecy da Nova Cruz Sacco.

Atendendo, contudo, à próxima partida de V. Exa., Sr. Coronel Oliveiros Lana de Paula, esta é a primeira a ser entregue.

Ao fazê-lo, quero expressar que V. Exa. bem a mereceu, de que é atestado a aprovação unânime do Conselho Diretor da Universidade, pelos relevantes serviços prestados à instituição, notadamente na fase de estruturação da Escola Superior de Educação Física, que já no próximo ano será uma esplêndida realidade, na sua disposição permanente de acudir sempre à Universidade, em seus justos reclamos, na boa vontade para sempre servir, no espírito permanentemente aberto à causa do desenvolvimento do ensino superior.

Os demais agraciados são co-estaduanos e até conterrâneos. No caso de V. Exa. há esta nota altamente meritória: é o primeiro contemplado oriundo de terra distante, das montanhas mineiras, que o tornou mais inseparável, como se já não o fosse da nossa planície, desta terra e desta gente, que sabem acolher, julgar e distinguir.

V. Exa. e sua excelentíssima esposa nestes dias, irão distanciar-se de nós, fisicamente, chamado a outra alta comissão da brilhante e nobre carreira, na Bahia, chão da nacionalidade.

Mas aqui fica, entre nós, parte de sua própria família. Aqui ficamos todos, seus amigos. Aqui fica sua Universidade, que o tem como um dos seus. Aqui fica a recordação de sua presença e os frutos de sua atuação profissional e social. Aqui fica seu interesse por Pelotas e seus problemas, seus pequenos alunos do Batalhão, seu desvelo permanente pelo progresso de nossas entidades, pelo bem estar da família pelotense.

Pode seguir tranquilo, Sr. Coronel, com a consciência do dever cumprido e com a certeza de que, no cumprimento dele, grangeou amizades duradouras, a admiração de seus patrícios deste Sul do vento e da história, o reconhecimento desta Universidade, em cujo seio há de sentir-se hoje como amanhã em terra sua, em lar seu, ao calor do nosso apreço, que se externa agora na própria razão de ser desta solenidade.

(Alocução do Reitor, Prof. Delfim Mendes Silveira

Senhores Professores e Diretores de I Faculdades, meus senhores, minhas senhoras, Magnífico Reitor Dr. Delfim Mendes Silveira.

Recebo esta Comenda com a mais profunda emoção e mesmo, em face da expressão daqueles que julgaram-me merecedor de tanta distinção, como o coroamento da minha carreira nestas paragens.

O Comando a mim imposto, nesta hospitaleira terra, chegou-me às mãos, por força do destino em dia áurea positiva, e os acertos, tão valorizados por vós, são mais oriundos da força advinda do espírito pelotense, absorvente e determinativo, do que da capacidade deste ádvena, há 3 anos aqui chegado.

A deferência desta Universidade põe em evidência, mais uma vez, a inspirada afirmação de Castro Alves, vulto insígne do romantismo brasileiro, ao afirmar:

"Nem cora o livro de ombrear co'o sabre;
Nem cora o sabre de chamá-lo irmão."

O vate adiantava-se no tempo, pois, hoje, confrontando-se a missão primordial da Universidade - formar elites - com a tarefa também educacional do Exército - fortalecer o caráter do cidadão pelo elevamento das virtudes cívicas e morais - afirmamos que se impõe, para a nossa grandeza, a convergência das duas instituições para ponto tão próximo quanto possível, com o fito de influir, diretamente, na formação da juventude brasileira. Este ponto de encontro evidentemente se afirma, em particular, nos Centros e nos Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva; a ausência desta vinculação no passado e, em especial, o retardo do crescimento da instituição Universitária, prejudicaram o desenvolvimento Nacional sob todos os aspectos e, no campo militar, constituíram o obstáculo à formação de uma reserva, também de elite, destinada a completar o quadro dos oficiais.

Hoje, mais do que nunca, ante o mundo conturbado em que vivemos, prevalece a necessidade desta união, pois já não há lugar para os conceitos inspirados nos mais antigos postulados da China lendária, onde, ao intelectual se impunha uma atitude em que as ações físicas eram consideradas deprimentes ou naqueles, relativamente modernos, postulados da Sorbone - "Ciência pela ciência e arte pela arte". Vivemos em uma época onde a educação é colocada em termos reais e

de acordo com a realidade presente, onde, em um mundo acelerado pelas conquistas das ciências e tendo rompido algumas barreiras que separavam os conhecimentos das possibilidades técnicas de aplicação, o homem extrapolando torna os fatos extraordinários da ciência ficção de 10 anos atrás em realidade, e as obras da imaginação fértil de Julio Verne em idéias com sabores arqueológicos.

Assim, neste mundo, que cresce em ritmo trepidante, em particular em nosso Brasil, tem que haver a consciência de que a educação é a condição "Sine Qua Non" para a elevação do nível de vida, e não se diga que a generalização do ensino leva a aculturação, no sentido de abastardamento do nível cultural, ao contrário, a oportunidade universal poderá ir apanhar, em lugares insuspeitos, inteligências marginalizadas que, em caso contrário, constituiriam, sempre, em seu meio, uma promessa não realizada. Deste modo, aquela oportunidade universal, atuando sobre a individualidade divina de cada ser, retiraria da massa maior número de cintilações que, devidamente aproveitadas, colocariam as suas capacidades individuais em proveito da coletividade.

Sob a força desta nova concepção nasce entre nós a consciência da vinculação entre a educação e o trabalho, entrosando o princípio cristão do Messias intelectual e carpinteiro, contrariando o conceito do trabalho aviltante do pagão Aristóteles.

Magnífico Reitor, honrado oficial da reserva do Exército, a cristalização das forças que as duas instituições procuram incutir na mocidade, tem em V. Exa. um exemplo digno, mas, ao nos julgar creio ter sido beneficiado por esta dupla formação e a justa dosagem de bondade recomendada por Deus e pelos homens no julgamento das causas, foi multiplicada por dois pela pena e o sabre irmanados, falhando, portanto, a voz do "Advogado do Diabo" em tão fácil empreitada; assim, aqui estou honrado e comovido, mas cônscio da imensa distinção e, por isto mesmo, eu vos afirmo, se antes já me sentia tão ligado a esta terra agora, credenciado por esta Comenda, sinto-me escravo dela por passar a pertencer à Universidade Federal de Pelotas.

(Discurso de agradecimento do homenageado).

20



SOLENIDADE REALIZADA EM 16 DE NOVEMBRO DE 1973

Saudação aos presentes.

Dr. Edmar Fetter.

Bem mereceu Vossa Excelência a concessão deste galardo, difícil de alcançar, por sua própria natureza. É que, com ele, a Universidade o identifica e reconhece como um dos seus grandes benfeitores, como personalidade de alto destaque que lhe prestou relevantes serviços. Oxalá, continuem, de futuro, os dirigentes universitários e os órgãos responsáveis a conceder avaramente o título, vale dizer, a concedê-lo apenas a quem realmente o merecer. Vossa Excelência o mereceu e assim o tem, para ostentá-lo e para orgulho da entidade universitária.

Quando Prefeito de Pelotas, Vossa Excelência, com a responsabilidade de homem público e com antevisão dos dias por vindouros, idealizou a Universidade Federal de Pelotas. Outros tiveram, antes, a mesma percepção. Entretanto, foi Vossa Excelência quem a levou ao campo de ação, enfrentando dificuldades de toda ordem, inclusive a incompreensão de boa fé das antigas congregações das unidades de ensino superior, então existentes. Pouco ou nada se arreceiou Vossa Excelência do estado de espírito reinante. Olhava e sentia não os dias correntes, mas o reclamo da comunidade e as inspirações mais altas e mais sentidas da realidade social e das estradas que se haveriam de abrir, nas clareiras do futuro.

No desfilar do tempo os dias se sucederão, mas que o nome do Dr. Edmar Fetter, já incorporado à Universidade desde antes de seu nascedouro, continuará, como até aqui, na perenidade de seus registros, no reconhecimento das gerações.

(Palavras do Prof. Delfim Mendes Silveira, Reitor da UFPel).

Saudação às autoridades.

Dr. Delfim Mendes Silveira.

Recebo, com indizível satisfação, a "Medalha do Mérito Universitário" que acaba de me ser outorgada por esta conceituada e benemérita instituição pelotense. O galardão sobrepuja qualquer me recimento pessoal que porventura vossa generosidade me pretenda atribuir, mas assinala uma especial distinção a quem reconhece, na educação fator imprescindível para a consolidação dos ideais democráticos e o de senvolvimento sócio-econômico.

Para nós, a educação persegue metas corajosas e ousadas, ao procurar desenvolver no homem todas as suas potencialidades físicas, intelectuais, morais e espirituais, capacitando-o a descobrir seu papel na vida individual e profissional e, destarte, a realizar os justos anseios de ascensão pessoal e de participação no esforço coletivo pelo progresso do seu país. Por conseguinte, tudo quanto fizermos pe lo aculturamento do nosso povo será valiosíssima contribuição para o bem estar social e a grandeza do Brasil.

Esta notável Universidade - sonho por largos anos acalentado - é uma realidade esplendente no cumprimento do seu nobre mister, e consagra, ao mesmo tempo, por suas origens e sua atuação, um exemplo edificante de desprendimento e amor à causa educacional. Seu futuro há de ser radioso e promissor, mercê do trabalho competente e de dicado dos seus administradores, diretores, professores e alunos dos di versos institutos e faculdades. Regidos todos, pela superior orientação dessa figura eminente, que é o Prof. Delfim Mendes Silveira, há pouco reconduzido ao cargo para um mandato de quatro anos, estejamos certos de que a Universidade Federal de Pelotas continuará a crescer, a se expandir e a enriquecer seu patrimônio material e humano, projetando sua ação relevante no processo de desenvolvimento desta região e elevando cada vez mais o conceito da instituição.

Agradeço, desvanecido e orgulhoso a honra que me conferis neste momento de alta significação e reafirmo o propósito de sempre trabalhar pelo triunfo pleno dessa gloriosa cruzada - a Educação Nacional.

(Palavras de agradecimento do Dr. Edmar Fetter)

... Solenidade magna de inauguração, com a entrega da chave da cidade, cerimônia que é realizada na sede da Prefeitura, onde são discursados discursos oficiais. E assim ficaria constatado que a Vila Fazenda...

PREFEITO ARY RODRIGUES ALCÂNTARA



SOLENIDADE REALIZADA EM 30 DE NOVEMBRO DE 1973

Poderia começar dizendo que, com a entrega da Medalha do Mérito Universitário e respectivo diploma, - a Universidade Federal de Pelotas salda sua dívida com Vossa Excelência. E assim ficaria a instituição quite com Vossa Excelência.

Mas tal não seria nem justo, nem verdadeiro, mesmo porque os serviços prestados à Universidade foram espontâneos e não sujeitos a outros critérios que não os da dignidade pessoal e da compreensão de necessidades e deveres.

É que a pessoa do antigo deputado federal e hoje Prefeito de Pelotas de tal forma se identificou, a princípio, com a ideia de uma Universidade Federal nesta região, e, depois, com o seu desenvolvimento, que, a rigor, esta cerimônia é apenas um registro, um reconhecimento, mas nunca um termo, um encerramento, um ponto final.

Quando se iniciou a campanha pela criação da Universidade, Vossa Excelência cerrou fileiras em torno dela, intransigentemente, sem meias palavras ou meias medidas. Totalmente aderente à causa que surgia como um dos reclamos da comunidade.

Surgida a Universidade, Vossa Excelência inscreveu-se como um dos seus mais categorizados soldados sem qualquer hesitação, disposto a qualquer sacrifício pessoal no esforço, no trabalho, pelo êxito, pela afirmação, da instituição nascente.

Nomeado Reitor "pro tempore", encontrei em Vossa Excelência o pelotense que sempre esteve ao meu lado, no bom ou no mau momento, sem restrições, para falar, para defender, para pugnar, para lutar, pela implantação da Universidade.

Vezes houve em que Vossa Excelência, numa atitude de inteiro desassombro, chegou a colocar em jogo seu mandato de deputado federal, caso a UFPel não fosse atendida em suas justas reivindicações. Presenciei, e disso quero dar o mais espontâneo testemunho, quando suas próprias relações pessoais com seu ilustre amigo Ministro Jarbas Passarinho foram empenhadas, caso a programação financeira da Universidade não fosse atendida.

Cito, entre muitos outros, apenas um episódio, que merece destaque. Instituia-se o regime especial de trabalho docente, criação extraordinária da atual gestão ministerial, o primeiro grande passo para a profissionalização do professor de ensino superior. A Universidade enviara sua relação de docentes, sem os projetos de pesquisa cor-

respondentes. A Comissão encarregada aprovou apenas 19 dos 55 professores e o Reitor foi chamado para assinar o Convênio com o número restrito. O Ministro, desinformado, não compreendeu a ausência da Universidade. Coube a Vossa Excelência, em Brasília, esclarecer a situação e provar a necessidade de reabertura da discussão, que já se encerrara em plano nacional. Não foi fácil a tarefa, mas foi concluída com êxito.

Sua vocação inata de servir e de bem servir, em nosso caso desdóbrou-se em esforço e dedicação a uma causa que é também da comunidade pelotense.

Poderia citar inúmeros outros fatos. Mas, para que, uma vez que o consenso da Universidade já o sagrou como um dos seus, como alguém que já se incorporou aos fastos da instituição. Praticamente, todas as vezes em que solicitei audiência ao Ministro de Estado, Vossa Excelência esteve junto, fazendo coro a todas as reivindicações e conhecendo todos os problemas no momento mesmo em que eles foram surgindo. Vezes houve, mesmo, em que Vossa Excelência falou pela Universidade, quando a urgência do assunto impediu a comunicação.

Assim agiu o deputado federal.

O Prefeito não dissentiu desse diapasão. Pelo contrário, embora dirigindo a administração municipal, seu pensamento não se dissocia da problemática universitária, que está sempre presente em seu espírito.

Por isso, Sr. Prefeito, quando o Conselho Superior da Fundação, pela unanimidade de seus votos, o tornou credor deste galardão, foi, na realidade, o reconhecimento de direito de uma situação de fato já existente.

Meu caro Prefeito Ary Rodrigues Alcântara.

Não é só ao ex-deputado federal e ao Prefeito que me dirijo, em nome e na representação dos Conselhos Superiores. É, também, ao Amigo, ao solidário com as nossas preocupações e necessidades, ao cidadão profundamente interessado pelos anseios de sua terrá. Entre essas preocupações, sempre esteve a Universidade, seu presente e seu futuro.

Daí a justiça desta concessão, a declaração pública de uma realidade que diretores, professores, funcionários, estudantes conhecem perfeitamente.

Daí, Sr. Prefeito, esta Medalha do Mérito Universitário, prêmio difícil da Universidade, só concedido em casos excepcionais.

Com ela a Universidade não salda sua dívida, mas reconhece e proclama o seu amigo, o pelotense que a soube merecer, pela sua dedicação, seu interesse, seu devotamento à causa do ensino superior, seu entusiasmo pela Universidade Federal de Pelotas, que também é, como de todos nós, a sua Universidade.

(Palavras do Reitor, Delfim Mendes Silveira)

Autoridades presentes ou representadas, professores, minhas senhoras, meus senhores.

Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pelotas, meu prezado Amigo Prof. Delfim Mendes Silveira.

Aceito como verdadeiro privilégio a Medalha do Mérito que me foi conferida pelo Conselho Diretor desta Universidade Federal de Pelotas em virtude de relevantes serviços que terei prestado à instituição.

Em realidade, sinto-me preso intimamente à Universidade Federal de Pelotas. Acompanhei os trabalhos da sua implantação; auxiliei o quanto pude a sua afirmação como entidade modelar que é, centro de estudo e pesquisa e de segura formação da nossa juventude.

Neste momento muitos fatos, recentes alguns, outros remotos, vêm-me ao pensamento como se tivessem acontecido ontem. E já se passaram quatro anos - a semente lançada na boa terra cresceu, desenvolveu-se e hoje, dentre os frutos que produz, está o do reconhecimento àqueles que, como eu, sem interesse pessoal a serviram.

Não conheço o pecado da omissão. Cresci nesta cidade, nela encontrei o bom e o mau lado da vida, aqui fui feliz, pois aqui formei a minha família.

Se me afastei temporariamente foi sempre com a idéia fixa de voltar - Pelotas é o meu chão.

Assim, Senhor Reitor e meus amigos, nada fiz que não fosse do meu dever como cidadão e como homem público.

Trabalhei e trabalharei enquanto viver pela promoção social e econômica da minha terra, da nossa terra.

Como homem perfeitamente integrado em meu meio, sei hoje mais do que nunca - que as necessidades se multiplicaram enquanto a fonte de recursos permaneceu estagnada; cresceu a demanda de serviços para além da nossa capacidade de satisfazê-la.

Luto pelo desenvolvimento industrial, como pelo fortalecimento do nosso comércio. Preocupa-me o trabalho nos campos, que ro ver limpa a minha cidade, tranquila, em segurança. Semeio hoje para colher amanhã e, por isso, a Educação é às vezes a razão da minha insônia.

No ensino de 1º grau investe o Governo Municipal, muito mais do que lhe exige a Constituição.

Com o ensino de 2º grau e uma entidade de ensino superior e mais os auxílios sempre insuficientes destinados a instituições particulares e a estudantes carentes, o dispêndio do Município com a educação ultrapassa em muito o montante a que está obrigado por lei e que lhe é possível investir.

Tenho procurado corrigir esta situação - mas enquanto ela permanece, não me furto a comprometer um terço do meu orçamento em educação, porque é através dela que eu trabalho pelo Brasil do futuro.

Por isso, meu caro amigo e Magnífico Reitor Delfim Mendes Silveira não me posso furtar a colaborar sempre que possível e com o maior entusiasmo pelo bom êxito da sua administração nesta Universidade.

Sinto-me feliz em estar ao lado de Vossa Magnificência, em trazer-lhe o apoio do Governo Municipal quando necessário, em ver crescer esta nossa Universidade perfeitamente integrada na nova ímagem da administração pública brasileira, implantada em março de 1964.

Por isso, meus amigos, aceito esta comenda com muito orgulho, pois nela eu enxergo não apenas a medida do vosso cavelheirismo, mas sobretudo a expressão do vosso reconhecimento e da amizade que nos une e de que muito me honro.

(Palavras do Prefeito Ary R. Alcântara)

PROF. EURICO KRAMER DE OLIVEIRA

E

PROFa. CECY DA NOVA CRUZ SACCO



· SOLENIDADE REALIZADA EM 27 DE DEZEMBRO DE 1973

Sra. Professora Cecy da Nova Cruz Sacco

Sr. Professor Eurico Kramer de Oliveira

Uma vez mais, se reunem e falam, por meu intermédio, os Conselhos Superiores da Universidade. Como dos outros feitos, premiam "relevantes serviços prestados à instituição". É como se ela parasse, na concentração e na consagração de um juizo de valor, constituído pela decisão concessória e declarado e imposto hoje nesta solemnidade. Entidades, como a nossa, precisam desses momentos, que lhes fortalecem as estruturas e lhes demarcam os rumos. São fatores de reconhecimento, que galardoam, mas também laços que cimentam a integração plena de seus membros e de seus recursos. Passam a viver, com mais plenitude na unidade de seus propósitos, na realização de suas aspirações.

Professora Cecy da Nova Cruz Sacco.

Nos momentos difíceis do lançamento da idéia, na estruturação da campanha que se lhe seguiu, - teve Vossa Excelência uma participação dedicada, esforçada e estusiasta. Bem se pode relembrar o ambiente existente: incompreensão de uns, receio de outros, desinteresse de muitos, hostilidade de alguns. Assim mesmo, não foi pequena a motivação alcançada. É de toda justiça, que dentre os elementos femininos componentes da jornada já histórica, lhe tenha cabido a honra de, em representação e por mérito próprio, receber esta alta distinção da Universidade, da Universidade por que sonhou e lutou.

Professor Eurico Kramer de Oliveira.

Na escolha do professor universitário mais empenhado e decidido pela criação de uma Universidade Federal em Pelotas, - houve por bem o Conselho Diretor da Fundação, então o único órgão com existência legal, de conferir-lhe a Medalha do Mérito Universitário e seu respectivo Diploma.

É de recordar-se que, ao primeiro assomo da campanha, - a idéia já lhe havia conquistado anteriormente o espírito. Tendo participado do Conselho Universitário da então Universidade do Rio Grande do Sul, tendo avaliado, e hoje sabemos que com correção, as possibilidades de desenvolvimento da área de Pelotas, decidiu-se Vossa Excelência por outro caminho, seguramente não o que oferecia maiores facilidades e comodidades pessoais, mas aquele que, mesmo em meio a óbices,

a entraves, a obstáculos imprevisíveis e de qualquer ordem, -permitiria, um prazo maior ou menor, que a seu espírito não importava, superar e destruir a cadeia de estagnação a que, nossa área, gradativamente, estava sendo submetida. Vossa Excelência mesmo o disse que, em todo um período reitoral, apenas um prego havia sido acrescentado à sua Faculdade, justamente para pendurar o retrato do Reitor.

Ao lado dessas considerações, via também Vossa Excelência a necessidade de incorporação da área superior leiga ao "status" universitário e de unir as duas áreas oficiais existentes. A essa campanha, atirou-se de corpo e alma, na imprensa, na tribuna acadêmica, nas solenidades de formatura, nas reuniões de debates com professores e estudantes, na chefia do movimento, que lhe foi atribuída pelo então Prefeito Dr. Edmar Fetter.

Teve Vossa Excelência a felicidade de ver concretizada a idéia e a felicidade maior de constatar seus frutos, de que esta solenidade é uma de suas expressões. E não se recolheu, finda a luta e vencida a batalha, a seu Departamento. Continuou na estacada, respondendo positivamente a todos os chamamentos, participando do Conselho Diretor e representando o Ministério na Comissão de Tempo Integral e Declaração Exclusiva, combatido sempre, almejando sempre mais para a Universidade que, quando idéia, o empolgou até ao arrebatamento, absorvendo-lhe os dias, até parte das noites e o pensamento permanentemente.

Senhores Professores.

Hoje se encerra, com estas imposições, um período inteiro: o da idéia, criação, organização e implantação da Universidade. Doravante, independente de todos nós, ela continuará sua senda pelo seu desenvolvimento e, do mesmo passo, pelo desenvolvimento do ensino superior brasileiro.

Mas, registrando os fatos, já elegeu aqueles que representaram a síntese dos esforços e a razão primária de seus próprios sucessos.

(Discurso do Reitor Delfim Mendes Silveira)

Recebo a honrosa Medalha do Mérito Universitário com humildade e gratidão. Se não devo analisar o mérito, posso manifestar os sentimentos de quanto este fato me gratifica o espírito e aquece o coração. Examinando minhas ações, agradeço a Deus por alguns privilégios proporcionados no decorrer da vida. O primeiro foi ter nascido nessa cidade, onde constituí família e grameei amigos, entrosando-me em seu meio social; onde fiz a formação científica e cultural, privando com mestres que fundaram nossos primeiros institutos superiores de ensino e que me transmitiram seus elevados ideais.

Outro privilégio foi a permanente necessidade de retribuir os benefícios recebidos, contribuindo para o progresso social e científico de Pelotas. Neste sentido, agradeço à Providência Divina por me ter emprestado a coragem e a disposição necessárias para poder vencer os óbices que se me apresentaram, quando encontrei alguns empreendimentos sociais e culturais que vieram modificar estruturas existentes.

Nos trabalhos de que participei as vezes senti que minhas possibilidades eram inferiores à magnitude das tarefas outorgadas. Mas essas dificuldades foram sobrepujadas pela crença e inabalável fé no potencial de nosso meio, pelas virtudes de nossos companheiros de trabalho e pela certeza no grandioso futuro que está reservado a Pelotas no cenário nacional.

É certo que em minhas ações nem sempre obtive resultados imediatos; que nem sempre foram exitosos os esforços empregados; que nem sempre soube conseguir compreensão e colaboração necessárias. Também é certo que muitas vezes errei na apreciação dos fatos e na conduta pessoal, prejudicando a finalidade a ser alcançada. Mas, sempre estive convicto de que se combatesse com elevação de princípios, se acreditasse no que fazia e se minhas ações pudessem ser benéficas a comunidade, veria, após trabalho tenaz e constante, premiados os esforços. Entre outros fatos foi o que ocorreu com os ideais de fundação da Universidade Federal de Pelotas, cuja realização integral não me pertence, nem especificamente a ninguém, pois é a soma do trabalho de todos os que a idealizaram, que trabalharam por vê-la realidade, que lutaram até mesmo contra uma presumível precocidade de instalação. Mas que, em última análise, somaram virtudes e trabalhos quando ela se concretizou.

Agora que nossa Universidade segue rumo seguro e definido, que antevemos sua grandiosidade e colhemos seus benefícios, - justo é salientar a capacidade orientadora do Magnífico Reitor Professor Delfim Mendes Silveira, e de seu mais direto assessor Prof. Alexandre Valério da Cunha, como artífices principais desta obra. Fazendo mi-

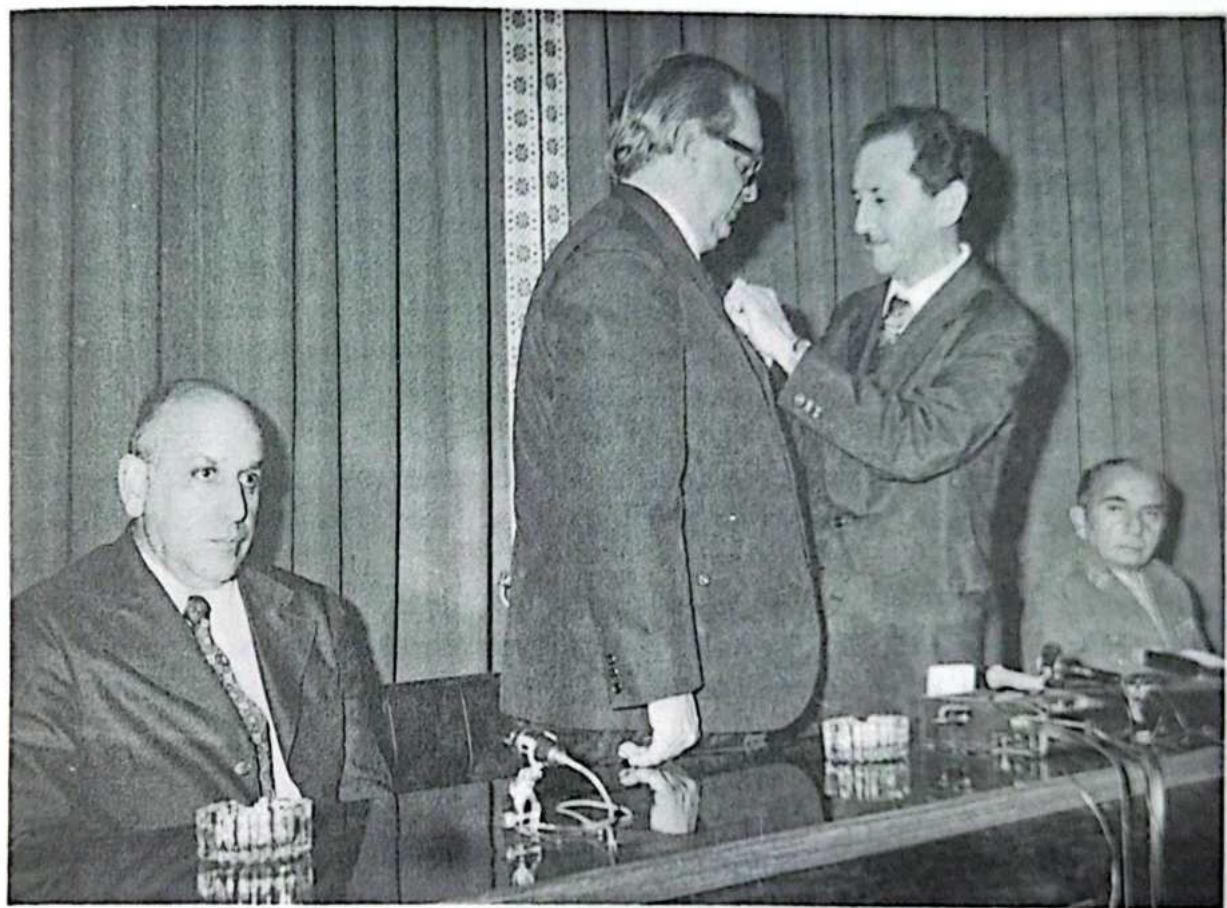
nhas as palavras de John Kennedy e adotando-as nesta circunstância especial, afirmo: "O crédito pertence ao homem que se encontra, de fato, na arena, e cuja face está desfigurada pela areia, por suor e sangue... ao líder que transpire entusiasmo e grande devoção e que se dedique a causas que lhe valham a pena serem defendidas o qual se for vencedor, experimentará as emoções de haver realizado um grande empreendimento, e, se fracassar, cairá revelando audácia e coragem. O importante é que esta Universidade não seja jamais entregue aquelas almas frias e tímidas, que desconhecem tanto a vitória quanto a derrota".

Meus prezados amigos, de minha parte sinto-me honrado, feliz e orgulhoso, pelas oportunidades que me foram oferecidas e creditadas em relação a Universidade Federal de Pelotas.

Obrigado!

(Palavras do Prof. Eurico Kramer de Oliveira)

PROF. JORGE HONÓRIO M. DE BRITO



SOLENIIDADE REALIZADA EM 2 DE ABRIL DE 1974

Na noite de 2 de abril de 1974, no Teatro da PUC, foi realizada a solenidade de entrega da Medalha de Mérito ao Prof. Jorge Honório M. de Brito, professor da Faculdade de Filosofia e Letras da PUC, que havia sido nomeado professor emérito da mesma instituição. A cerimônia contou com a participação de autoridades da PUC, da Faculdade de Filosofia e Letras, da Faculdade de Direito, da Faculdade de Ciências, da Faculdade de Arquitetura e Engenharia, da Faculdade de Ciências da Terra, da Faculdade de Ciências da Saúde, da Faculdade de Psicologia, da Faculdade de Letras e da Faculdade de Arquitetura e Engenharia Civil. A cerimônia foi presidida pelo reitor da PUC, Dr. José Góes, que, em seu discurso, destacou a contribuição do professor Jorge Honório M. de Brito para o desenvolvimento da Faculdade de Filosofia e Letras da PUC, destacando sua dedicação ao ensino, sua pesquisa e seu trabalho de extensão. O professor Jorge Honório M. de Brito, que é um dos mais respeitados e reconhecidos professores da PUC, foi agraciado com a Medalha de Mérito da Faculdade de Filosofia e Letras da PUC, que é a mais alta distinção concedida pela instituição. A cerimônia foi encerrada com o hino da PUC e a saudação ao professor emérito, que foi aplaudido calorosamente por todos os presentes.

Sr. Prof. Jorge Honório de Brito.

Pela quarta vez, se reunem os colegiados da Universidade - o Conselho Universitário, o Conselho Diretor da Fundação e o Conselho Coordenador do Ensino e da Pesquisa agora para impor, por meu intermédio, a Vossa Excelência a Medalha do Mérito Universitário.

Ilustres personalidades, em outras oportunidades a receberam, mas em reduzido número, gratificados em troca da tônica comum de relevantes serviços prestados à instituição, nos termos do dispositivo estatutário que a criou.

Vossa Excelência bem mereceu a distinção, menos por seu extenso e intenso "curriculum", de tantas realizações técnicas, docentes, universitárias, de tantas participações em atividades de ensino e pesquisa, de tantas contribuições em disciplinas, departamentos, e órgãos colegiados, onde sobressai uma larga experiência na vida acadêmica e administrativa de sua Universidade. Esses títulos todos o recomendam ao reconhecimento de seu grande mérito como professor e administrador. No entanto, Prof. Brito, foram menos suas qualidades intelectuais, menos as conquistas de seu currículo e mais suas qualidades pessoais e humanas, seu reconhecimento pelas situações prementes, amparadas pela justiça antes que pelo direito, as determinantes da decisão que hoje corporifica.

Ainda há poucos dias, o Sr. Presidente da República mencionou um pensamento bem antigo, dizendo que "pensar é fácil; agir é difícil. Mas agir de acordo com o pensamento é ainda mais difícil".

Vossa Excelência, Senhor Professor, é daqueles que sabem pensar e sabem agir como pensam.

Quando surgiu esta Universidade, em 1969, as verbas transferidas pela lei foram apenas as relativas às Faculdades de Direito, Odontologia e Instituto de Sociologia e Política. Assim, a rigor, não havia recursos para a assistência aos estudantes, nem como, em face das disposições legais, manter a Casa de Estudantes em Pelotas. Nessa época, cumpre recordá-lo, Vossa Excelência desempenhava o cargo de Diretor do Departamento de Educação e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A tendência dominante nos altos escalões era apenas cumprir a lei, isto é, dar a Pelotas tudo quanto a nova Universidade tivesse direito e nada além. Foi graças às suas gestões, ao seu decidido empenho, à sua quase exigência, que esta Universidade recebeu, no ano seguinte de 1.970, não só a mesma quantia como recursos adicionais, que lhe permitiram estender a todas as áreas, e não somente às áreas do Di-

reito e Odontologia, o atendimento assistencial, ampliar a Casa de Estudantes e fazer funcionar os dois restaurantes, da cidade e do "campus".

Não fora a sua vontade, impondo-se e convencendo, o ano de 1970 teria sido de grandes dificuldades para a nova instituição, nesse setor tão sensível que é o setor estudantil. Há, na vida das instituições, como na vida dos indivíduos e dos povos, esses momentos decisivos. Aquele, Prof. Brito, quando se definiu, na URGS, o orçamento da parte relativa a Pelotas, foi o momento decisivo da nova Universidade, quando fatos que à distância parecem menos relevantes, assumem um contorno e uma importância sem paralelo.

Vossa Excelência esteve, nesse momento, com a Universidade e com seu futuro.

E nem sequer poderia atribuir seu procedimento à velha amizade que nos ligava do convívio durante muitos anos no Conselho Universitário. Sei, pelo seu comportamento permanente, que essa seria a mesma decisão, mesmo para estranhos. E porque assim é, e porque essa é a sua natureza, esta Universidade reconhece em Vossa Excelência não apenas o ilustre Mestre, não apenas o eficiente administrador, mas antes de tudo o homem, com seus altos predicados, com o sentimento da justiça, que lhe completa a inteligência e o conhecimento.

Doravante, Prof. Brito, seu nome não se desunirá mais desta Universidade, passando a pertencer à sua história, como reconhecimento duradouro de quem a soube conquistar pelo espírito, pelo coração e pelo ideal.

(Discurso do Reitor Delfim Mendes Silveira)

Foi com profunda emoção que recebi, do Magnífico Reitor desta Universidade, Professor Delfim Mendes Silveira, a comunicação de me haver sido concedida a Medalha do Mérito Universitário, por relevantes serviços prestados a esta instituição.

Lendo e relendo o texto do ofício, num misto de emoção e satisfação pela gratificante homenagem, indaguei-me quais seriam os relevantes serviços que poderia ter prestado à Universidade Federal de Pelotas?

Por mais que investigasse o passado, não me foi possível a identificação das causas, o que tranquilizou-me, expulsando minhas ansiedades e permanecendo minha satisfação.

Entendi que o desconhecimento dos motivos que levaram a Administração Superior desta Universidade a distinguir-me, pode ser interpretado como meu permanente desejo em valorizar, aplaudir, apoiar e colaborar desinteressadamente com esta Universidade jovem, que se desenvolve em ritmo tão vibrátil e produtivo.

A Universidade Federal de Pelotas, nesta solenidade, está sendo generosa com este professor que vos fala.

Há 24 anos passados, quando iniciei minha carreira de magistério, como professor de Histologia na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estabeleceram-se os primeiros laços de amizade e intercâmbio científico com a Faculdade de Odontologia de Pelotas, então pertencente à mesma Universidade.

Se o relacionamento científico intensificou-se, as amizades frutificaram, ultrapassando os limites da Faculdade de Odontologia para se expandirem e universalizarem.

A homenagem que hoje recebo, devo agradecer-lá aos amigos que sei possuir nesta Universidade.

Nesta oportunidade recordo com satisfação o encontro, no Conselho Universitário da UFRGS, com o Professor Delfim Mendes Silveira, então Diretor da Faculdade de Direito.

Inicialmente foi um convívio formal de conselheiros, que me permitiu avaliar sua ampla cultura, judiciosa opinião e in vulgar serenidade; rapidamente transformado em amizade cada vez mais crescente e perene, o que muito me envaidece.

A Medalha do Mérito Universitário, que hoje me concede a Universidade Federal de Pelotas, recompensa regiamente meu passado como professor universitário, alicerça meu presente e estimula meu futuro.

Maior é minha satisfação por receber tão honrosa distinção de uma Universidade nova, que sabe aproveitar as experiências de suas origens; que possui o privilégio de ser governada por uma Administração Superior atuante, com objetivos educacionais bem definidos; que se ampara num Corpo Docente qualificado e operoso; que se dedica carinhosamente à mocidade estudiosa.

A Universidade Federal de Pelotas, sob o comando altamente eficiente do seu Reitor, Professor Delfim Mendes Silveira, contando com o valioso e permanente auxílio do seu Vice-Reitor, Professor Alexandre Valério da Cunha, e apoiado na ativa participação de seus Conselheiros Superiores, rapidamente se destaca dentre as Universidades Federais Brasileiras que mais celeremente se desenvolvem.

Os acontecimentos que hoje presenciamos, das inaugurações de novos prédios e instalações, a expansão dos regimes especiais de trabalho dos professores e pesquisadores, e a continuada planificação para expandir a área de pós-graduação nesta Universidade, são indicativos evidentes, que se somam a múltiplos eventos anteriores, caracterizando a Universidade Federal de Pelotas como instituição universitária dinâmica, reverente ao seu passado, atuante no seu presente e adequadamente ajustada e confiante no seu futuro.

A Universidade Federal de Pelotas está atenta para que seu ritmo expansionista não prejudique a qualidade pela quantidade de ensino.

O discernimento de seu Reitor faz com que a Universidade Federal de Pelotas persiga na busca de recursos suficientes para capacitar seus estudantes a aprender e seus professores a ensinar.

O fato do conhecimento ter-se tornado o recurso central da sociedade moderna acrescenta uma terceira nova função às tarefas tradicionais da Universidade: acrescenta às funções de ensino e pesquisa a do Serviço Comunitário, transformando o conhecimento em ação, com resultados para a comunidade.

Estou convicto do futuro promissor desta Universidade, por conhecer das potencialidades de seus recursos humanos; por sentir o ritmo vertiginoso de seu desenvolvimento; por conhecer a capacidade e rapidez de decisão de seus dirigentes.

Congratulo-me com a comunidade pelotense que hoje já percebe os frutos dos esforços dispendidos para conseguir criar a Universidade Federal de Pelotas.

Sejam minhas palavras finais um muito obrigado a todos os amigos de Pelotas e um voto de louvor a esta pujante Universidade.

(Alocução do Prof. Jorge Honório M. de Brito)

PROF. KONRAD MANNEL



SOLENIDADE REALIZADA EM 27 DE JUNHO DE 1974

Senhor Professor Konrad Männel.

Sentimo-nos profundamente honrados, na qualidade de representante do Magnífico Reitor, Prof. Dr. Delfim Mendes Silveira que teve de viajar à Brasília para tratar de assuntos de nossa Universidade e por isso mesmo, temos certeza que contra sua vontade, hoje, aqui não se encontra para presidir esta Sessão Solene, que tem por finalidade conferir um título raríssimo de ser obtido na vida universitária, qual seja: a Medalha do Mérito Universitário, ao Professor Konrad Männel, por proposta de sua Magnificência e aprovação unânime do Conselho Diretor da Fundação da Universidade Federal de Pelotas.

Conscio de nossa exata e humilde condição pessoal para participar de eventos de tão grande envergadura, aqui nos encontramos por força das circunstâncias já assinaladas, para homenagear tão ilustre personalidade.

O Professor Konrad Männel, de nacionalidade alemã, nascido em Berlim e formado em Agronomia pela Universidade dessa mesma Capital, é possuidor, entre outros títulos do de M.S.C. em Avicultura pela Universidade de Stellenbosch. O Professor Konrad chegou à Universidade Federal de Pelotas em 3 de junho de 1970 em virtude de convênio firmado entre os governos do Brasil e da República da Alemanha Ocidental e chefiando uma equipe de conceituados técnicos alemães para no Colégio Agrícola "Visconde da Graça", através do Projeto FE-1262, desenvolverem três setores fundamentais:

- 1º - Indústria - Construção de uma fábrica de enlatar frutos;
- 2º - Pastagens - Melhoramento das existentes e da Região;
- 3º - Avicultura - Construção de Aviário Modelo.

Sendo Pelotas o centro brasileiro de indústrias de conservas de pêssego e ananás, contando com numerosas fábricas de pequeno, médio e grande porte e como o Colégio Agrícola "Visconde da Graça" dispunha de uma pequena e obsoleta fábrica de conservas, era o desejo do responsável pelo projeto, de modernizar este ramo.

Cerca de 450 alunos do Colégio Agrícola "Visconde da Graça", na sua maioria filhos de agricultores de nosso Estado, deveriam levar modernos conhecimentos sobre agricultura a seus familiares a fim de aumentar-lhes a produtividade de suas plantações. Por outro lado, muitos agricultores da região, procuraram no Colégio Agrícola ensinamentos e conselhos para melhorar sua Avicultura.

No início do Projeto, o Colégio Agrícola "Visconde da Graça", possuia apenas, um pequeno aviário, tecnologicamente bastante insuficiente e que não atendia, sequer, as necessidades de consumo interno.

Apesar das dificuldades iniciais do Projeto, que não foram poucas, a maioria delas foi superada, principalmente pelo alto espírito de compreensão e grande capacidade de trabalho demonstradas pelo professor Konrad Männel.

Basta acentuar, que limitado inicialmente o Convênio a 84.000 marcos, dada a proficiência e aplicação e os resultados promissores que vinha obtendo, conseguiu o nosso homenageado de hoje sensibilizar as autoridades alemãs, no sentido de ampliá-lo para 500.000, 1.500.000 marcos, para, depois, tornar-se em Convênio sem limites.

Em 22 de dezembro de 1971, dizia o nosso eminente Reitor, no ato de inauguração do Setor de Indústrias Rurais, "que o Colégio Agrícola "Visconde da Graça" tornou-se o mais bem equipado Colégio Agrícola do País".

"Neste dia, a Universidade passa de sua precária capacidade de receita própria para a fase de grande escala econômica".

Ultimada a ampliação do Convênio de Assistência Técnica hoje, o que temos graças principalmente ao Prof. Männel e a sua valorosa equipe, é uma esplendorosa realidade no Colégio Agrícola "Visconde da Graça", da qual salientamos:

- O setor de Indústrias Rurais que possue uma fábrica modelo para produção da mais variada e alta qualidade de conservas, compotas, marmeladas e concentrados de sucos, possuindo ainda, uma panificadora modernamente equipada;

- Os trabalhos com forrageiras vêm possibilitando um expressivo desenvolvimento na criação de gado;

- Finalmente no setor da Avicultura, o aviário montado no Colégio Agrícola é o maior e mais moderno do Brasil entre os que se dedicam a fins didáticos. Sendo o único que possue galinheiros com temperatura e umidade controladas, para evitar a queda de produção.

No início do projeto possuia o Colégio Agrícola 300 aves, hoje, 16.800, produzindo 250 dúzias de ovos por dia.

No tocante ao nosso homenageado de hoje, desnecessário seria enumerar aqui seus grandes atributos morais e intelectuais, e o mérito que lhe deve a Universidade Federal de Pelotas.

Basta recordar que pela Portaria baixada em 8 de agosto de 1973, pelo Magnífico Reitor, considerando sua grande capacidade de relacionamento com a sociedade brasileira; considerando sua alta qualificação profissional revelada inclusive no ensino de 2º e 3º graus desta Universidade, - o Aviário idealizado e implantado pelo nosso homenageado recebeu o nome de "Aviário Dr. Konrad Männel".

Nesta oportunidade, em que os três Conselhos reunidos, estão sagrando o labor perseverante e honesto de um homem, através da concessão da Medalha do Mérito Universitário, e que representa para nós o que de mais precioso e nobre possuímos para manifestar o nosso apreço e testemunhar a nossa gratidão, queremos dizer-lhe Prof. Konrad Männel, que nos quatro anos de grato convívio com a Universidade Federal de Pelotas, viveste entre moços e não envelhecerás entre saudades mas, entre esperanças de que ainda possas voltar a nossa Universidade - para satisfação nossa.

"E como na legenda germânica, crescerá cada vez mais a maré das realizações em nossa Universidade, num autêntico enlace de educação, ensino, pesquisa e tecnologia, até que flutue o barco das idéias no mais alto promontório".

(Palavras do Vice-Reitor, Prof. Alexandre A. Valério da Cunha.)

(Assinatura: Prof. Dr. Valério)

No início do Projeto, o Colégio Agrícola "Visconde da Graça", possuia apenas, um pequeno aviário, tecnologicamente bastante insuficiente e que não atendia, sequer, as necessidades de consumo interno.

Apesar das dificuldades iniciais do Projeto, que não foram poucas, a maioria delas foi superada, principalmente pelo alto espírito de compreensão e grande capacidade de trabalho demonstradas pelo professor Konrad Männel.

Basta acentuar, que limitado inicialmente o Convênio a 84.000 marcos, dada a proficiência e aplicação e os resultados promissores que vinha obtendo, conseguiu o nosso homenageado de hoje sensibilizar as autoridades alemãs, no sentido de ampliá-lo para 500.000, 1.500.000 marcos, para, depois, tornar-se em Convênio sem limites.

Em 22 de dezembro de 1971, dizia o nosso eminente Reitor, no ato de inauguração do Setor de Indústrias Rurais, "que o Colégio Agrícola "Visconde da Graça" tornou-se o mais bem equipado Colégio Agrícola do País".

"Neste dia, a Universidade passa de sua precária capacidade de receita própria para a fase de grande escala econômica".

Ultimada a ampliação do Convênio de Assistência Técnica hoje, o que temos graças principalmente ao Prof. Männel e a sua valorosa equipe, é uma esplendorosa realidade no Colégio Agrícola "Visconde da Graça", da qual salientamos:

- O setor de Indústrias Rurais que possui uma fábrica modelo para produção da mais variada e alta qualidade de conservas, compotas, marmeladas e concentrados de sucos, possuindo ainda, uma panificadora modernamente equipada;

- Os trabalhos com forrageiras vêm possibilitando um expressivo desenvolvimento na criação de gado;

- Finalmente no setor da Avicultura, o aviário montado no Colégio Agrícola é o maior e mais moderno do Brasil entre os que se dedicam a fins didáticos. Sendo o único que possui galinheiros com temperatura e umidade controladas, para evitar a queda de produção.

No início do projeto possuia o Colégio Agrícola - 300 aves, hoje, 16.800, produzindo 250 dúzias de ovos por dia.

No tocante ao nosso homenageado de hoje, desnecessário seria enumerar aqui seus grandes atributos morais e intelectuais, e o mérito que lhe deve a Universidade Federal de Pelotas.

Basta recordar que pela Portaria baixada em 8 de agosto de 1973, pelo Magnífico Reitor, considerando sua grande capacidade de relacionamento com a sociedade brasileira; considerando sua alta qualificação profissional revelada inclusive no ensino de 2º e 3º graus desta Universidade, - o Aviário idealizado e implantado pelo nosso homenageado recebeu o nome de "Aviário Dr. Konrad Männel".

Nesta oportunidade, em que os três Conselhos reunidos, estão sagrando o labor perseverante e honesto de um homem, através da concessão da Medalha do Mérito Universitário, e que representa para nós o que de mais precioso e nobre possuímos para manifestar o nosso apreço e testemunhar a nossa gratidão, queremos dizer-lhe Prof. Konrad Männel, que nos quatro anos de grato convívio com a Universidade Federal de Pelotas, viveste entre moços e não envelhecerás entre saudades mas, entre esperanças de que ainda possas voltar a nossa Universidade - para satisfação nossa.

"E como na legenda germânica, crescerá cada vez mais a maré das realizações em nossa Universidade, num autêntico enlace de educação, ensino, pesquisa e tecnologia, até que flutue o barco das idéias no mais alto promontório".

(Palavras do Vice-Reitor, Prof. Alexandre A. Valeiro da Cunha.)

Senhor Vice-Reitor em Exercício, Prof. Alexandre Valério da Cunha. Autoridades presentes, senhores Professores, meus amigos, minhas senhoras e meus senhores.

Profundamente emocionado com as elogiosas palavras do Prof. Alexandre Cunha que preside esta solenidade em virtude da ausência do Prof. Delfim Mendes Silveira, Reitor da Universidade, quero, inicialmente, dizer que não sou merecedor da homenagem que hoje recebo. Digo não a merecer, pois apenas cumpri com o que me foi determinado dentro do meu setor, a avicultura, no convênio feito entre meu País e esta Universidade. Meu trabalho foi feito com muito carinho e prazer, pois eu contei, sempre, todo o apoio que precisei, do Prof. Delfim Silveira que acompanhou de perto e com muito interesse a minha atividade, prestando-me em todos os momentos e deixando-me inteiramente à vontade para decidir sobre o que deveria ser feito.

Lembro-me que o então Diretor do Colégio Agrícola Professor Francisco Louzada Alves da Fonseca, demonstrou interesse na feitura de um convênio, que veio a se concretizar graças ao interesse demonstrado pelo Prof. Delfim Mendes Silveira, que empregou todos os esforços para que o mesmo viesse a se concretizar. E, graças a isso, foi possível a celebração de um Convênio de Cooperação Técnica entre a República Federal da Alemanha e a Universidade Federal de Pelotas.

Minha permanência nesta cidade, me trouxe, além da satisfação do meu trabalho, o calor da amizade de quantos convivi e, especialmente do Senhor Reitor e do Diretor do Colégio, Prof. Agustim Capito Franco. E, como se não bastasse a amizade que todos me dedicaram durante o tempo em que aqui vivi, recebo, agora, esta grande homenagem que levarei com muito orgulho e humildade para a minha terra e que servirá como o testemunho vivo da bondade e cavalheirismo do povo brasileiro. Espero poder voltar aqui um dia, para poder abraçar tantos amigos que aqui deixo. A todos o meu muito obrigado.

(Improviso do Prof. Konrad Männel)

Dr. Prof. Francisco Louzada Alves da Fonseca.

As Entomologias atuais não apontam de quais resultados, mas certas significâncias, assim imediatamente, da identificação das espécies e das circunstâncias de que se utilizam.

Em outras palavras, se considerar os pontos considerados, a sua utilidade é ótima, mas só é ótima.

PROF. FRANCISCO LOUZADA ALVES DA FONSECA



SOLENIDADE REALIZADA EM 14 DE OUTUBRO DE 1975

Na noite de ontem, dia 14 de outubro, realizou-se a solenidade de posse do Dr. Francisco Louzada Alves da Fonseca, que assumiu a cadeira de professor Titular de Entomologia, que ocupava, até essa data, o Dr. José A. Góes. O professor Francisco Louzada Alves da Fonseca, que assumiu a cadeira de professor Titular de Entomologia, é professor aposentado da Universidade de São Paulo, tendo sido professor de Entomologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, de 1946 a 1960, e professor de Entomologia da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, de 1960 a 1975.

O novo professor de entomologia, Dr. Francisco Louzada Alves da Fonseca, realizou sua posse, no auditório da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, na noite de ontem.

Sr. Prof. Francisco Louzada Alves da Fonseca.

As instituições vivem não apenas de suas realizações materiais, nem sempre significativas, mas, principalmente, do ideal que lhes deu existência e dos princípios informadores de suas origens.

Em outras palavras, as realidades que povoam nosso mundo, que engrandecem a vida social, que animam as nossas vidas, que dão colorido ao quadro dentro do qual desenvolvemos nossas atividades, são obras, antes de tudo, de homens, de suas inspirações, de suas aspirações, de seus sonhos bem queridos, de suas idealizações, no percurso limitado entre a consciência e a morte.

São, seguramente, esses impulsos sucedidos que se materializaram, por vezes, o nosso consolo, a nossa satisfação, na "dura lida que aos fracos abate e que aos fortes e aos bravos só pode exaltar", usando das expressões poéticas do grande vate maranhense.

Esta, também, a saga da Universidade Federal de Pelotas.

Embora antes já se falasse, embora antes se propusesse, em termos indefinidos, a primeira grande campanha pela Universidade surgiu na gestão Edmar Fetter, na Prefeitura de Pelotas. Corporificou-se e ganhou prosélitos, sedimentou posições, alargou a adesão, no seio da comunidade. Em virtude de fatos conhecidos e justificados, não se concretizou a idéia, continuando, após, como um movimento larvado a ganhar consciências, apesar das inúmeras dificuldades, de óbices variados, ao longo de sua trajetória, rumo ao sol da vivência efetiva.

Assim transcorreram dois anos.

Eleito Vossa Excelência, um ano, pouco mais, à frente do Município, ressurgiu a idéia e abriu, de novo, o debate. Convocou o responsável pelos encargos da reitoria da Universidade Rural e os diretores dos estabelecimentos oficiais do ensino superior. A todos nos reuniu, em seu gabinete na Prefeitura. E naquele momento, de que tenho nítida recordação, agiu menos como Prefeito, que como cidadão, que como conselheiro, que como animador, ciente e consciente de seu poder aglutinador, - agindo como homem, como pelotense, mas essencialmente interpretando um anseio comunitário, pressionando aquele botão imaginário que haveria de desencadear um processo irreversível, a emprestar uma fisionomia nova aos horizontes de Pelotas e de toda Zona Sul.

E assim conquistou os espíritos, no momento exato, e o movimento revivido expandiu-se, venceu os obstáculos ainda restan-

tes, avolumou-se, vitoriou-se nas congregações e o que antes parecia impossível esplendeu nas concordâncias e dai ao projeto, e dai às estruturações e dai à lei criadora da nova Universidade.

Aqueles momentos decisivos da história, de que fala Stefan Zweig, uma vez mais se reeditaram na história do ensino superior em Pelotas.

Não foi o milagre: foi a consciência do momento.

É este momento que a entidade universitária hoje está recordando e comemorando, ao homenagear Vossa Excelência com a Medalha do Mérito Universitário, pelos relevantes serviços prestados, tão grandes que sem os quais não haveria sequer a própria comemoração.

Tudo o mais perde importância, tudo o mais desaparece, não fosse o ato inspirador da criação, aquele lance que no xadrez decide a partida, pequeno lance, muitas vezes, que só adquire importância no contexto da luta e no desenvolvimento das sequências.

Assim, emudeço tudo o mais, abstenho-me do resto, que não tem valor em face do que realmente importa.

E esta é a sua Universidade de hoje, de que é um de seus ilustres professores, transcorridos seis anos de sua criação.

Que as dificuldades foram enormes, algumas até verdadeiramente desencorajadoras, Vossa Excelência sabe. Que as incompreensões foram avultadas, algumas até de próprios membros da comunidade, e até em exercício de cargos de direção de entidades, é público e notório. Que muitos, até hoje, se comprazem em denegrir, em insultar, em difamar e até caluniar - é fato conhecido, pelo rádio, pela imprensa, pela televisão. Que houve até uma agressão à Universidade, com depredação da sede, objeto de selvagem ataque, é outro fato incontroverso, agravado pela neutralidade de tantos, inclusive dentro da instituição, diante do crime perpetrado a plena luz do dia.

Mas tudo venceu a instituição e a Universidade continua, benfazeja, abrigando a quantos dela se aproximam, sem discriminações de qualquer natureza, que nunca seriam de seu feitio, sem alardes inadequados, sem outros objetivos senão cumprir suas finalidades de ensino, pesquisa, extensão e difusão cultural, assim ajudando Pelotas e toda a região, assim entrosada nos planos altos da educação nacional.

Os cães continuarão ladrando - é dos livros, é da história - mas a Universidade continuará passando rumo aos seus objetivos que se renovam a cada dia.

Com mais de vinte cursos, com quatro mil estudantes, com cerca de oitenta milhões de cruzeiros para o orçamento de 1976, com seu Reitor presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, com mais de vinte mil metros quadrados construídos no período, com outros tantos até o fim da presente gestão, totalizando cerca de cem mil metros quadrados até dezembro de 1977, conhecida e admirada em todo o país, prestigiada pelas autoridades educacionais e por todos os Reitores do Brasil - esta é a Universidade que um dia, em seu gabinete, na Prefeitura, impulsionou e reuniu os pensamentos dispersos em sua direção.

A obra ai está, Sr. Prof. Francisco Louzada Alves da Fonseca, a Universidade, a sua Universidade ai e aqui está, consciente de sua pujança e de seu valor, dando a todos muito mais do que pedindo, dando aquilo que hoje é o patrimônio mais caro do ser humano, que é a educação, contribuindo com sua parcela para o engrandecimento comum de nossa terra, de nosso povo, de nosso país.

A homenagem é sua, Professor, mas a comemoração é de todos nós e sua também.

(Alocução do Reitor, Prof. Delfim Mendes Silveira)

Recebo a Medalha do Mérito da Universidade Federal de Pelotas gratamente emocionado.

É natural que assim ocorra.

Trata-se de outorga que me faz recordar fatos ligados às providências para que Pelotas pudesse ter a sua sonhada Universidade Federal, meritória conquista de uma comunidade culta e progressista.

Recordo-me do surgimento da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul, em dezembro de 1960; lembro-me, após, das teses da sua necessária transformação em universidade eclética, nela se integrando outras unidades universitárias aqui sediadas, mas então componentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Lembro-me da preocupação de não se alterar a natureza autárquica da instituição, espécie de garantia para todos.

Não me esqueci dos empenhos em trazer, para a futura universidade, o Conservatório de Música de Pelotas, a Escola de Belas Artes "D. Carmen Trápaga Simões" e a Faculdade de Medicina de Pelotas, todas como unidades agregadas à Universidade Federal de Pelotas.

Recordo o cuidado, inclusive do Ministério da Educação e Cultura, no sentido de que a novel universidade surgisse já em perfeito entendimento, de ação e de responsabilidade, com a Universidade Católica de Pelotas, nossa primeira universidade.

Estão vivas em minha memória as dificuldades enfrentadas e os esforços expendidos para superá-las.

Não me esqueci das pessoas que tanto fizeram pela criação da Universidade Federal de Pelotas, às quais esta comunidade há de ser sempre grata.

Magnífico Reitor,

Minha atuação, no episódio da criação da nossa UFPel, foi ditada pela responsabilidade de uma investidura transitória e pelo permanente idealismo de bem servir à minha terra e à minha gente.

Esta medalha simboliza e reforça vínculos de afeto, estimulando o redobrar da minha dedicação à UFPel. Assim, já o dissera a Vossa Magnificência, em 1971, ao receber a comunicação da outorga.

Reafirmo, hoje e aqui de público, o meu decidido empenho de tornar sempre mais útil o meu trabalho nesta Universidade ,

para, gradativamente, ir amortizando a dívida de gratidão por esta honraria que, tão bondosamente, me foi conferida.

Recebo a Medalha do Mérito da UFPel, no dia seguinte ao dedicado ao Engenheiro Agrônomo e na véspera do dia consagrado ao Professor. Engenheiro Agrônomo e Professor são as duas funções que exerço nesta universidade.

Dir-se-á que Vossa Magnificência assim quis também prestar mais uma homenagem ao Engenheiro Agrônomo e ao Professor da UFPel, na pessoa de um funcionário, colhido da planície dos que aqui lambutam, nestas duas funções.

Há 28 anos, graduatei-me na mais antiga das unidades que compõem a UFPel: a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel.

Naquela época, ingressara, mediante concursos, no quadro do pessoal do Colégio Agrícola "Visconde da Graça": primeiro, como professor, e, depois, também como engenheiro agrônomo.

Hoje, graças àqueles vínculos com o Colégio Agrícola, trabalho na UFPel, dedicado especialmente ao estudo do planejamento da empresa agrícola, como fator do desenvolvimento regional.

A desvanecedora concessão desta Medalha, e sua atenciosa entrega que Vossa Magnificência acaba de formalizar, terão efeito multiplicador sobre a minha gratidão à UFPel e àqueles a quem tanto devo, pelo que tenho podido ser.

Muitos destes estão presentes neste momento. Meu pai, minha mulher, minhas filhas, minha irmã, outros parentes e amigos, que sempre me distinguiram com incentivo carinho.

Meu pai - inspirador e guia na minha profissão de professor - e minha mulher, também professora, são os reais detentores dos louros que posso estar colhendo.

Esta medalha é mais um símbolo do quanto devo a meus pais e à minha Helena.

Senhores e Senhoras.

Uma universidade é o mais valioso instrumento para o progresso.

As empresas, por serem geradoras de bens e de serviços, fazem a riqueza nacional. Entretanto, a maior eficiência organizacional e operativa das empresas depende da objetividade do ensino e

da pesquisa universitária. Universidade e empresa necessitam andar entrelaçadas.

O progresso técnico é a principal variável estratégica de que depende o desenvolvimento econômico. Ao contrário das nações industrializadas, os países em desenvolvimento não dispõem de estrutura atuante que lhes possibilite a contínua inovação e renovação de técnicas de processos produtivos. O chamado "hiato tecnológico" separa os dois tipos de nações.

Ao "hiato tecnológico", naturalmente, corresponde o "hiato econômico e social", de equivalentes dimensões.

As universidades devem ter liderança, como centros supridores de capital intelectual e de capital tecnológico, para viabilizar ou agilizar o progresso do país, mediante a gradual supressão do hiato tecnológico.

Da eficiência do desempenho da nossa UFPel e de mais universidades da Zona Sul, dependerão a participação e o proveito desta região, no que diz respeito à implantação do Complexo Petroquímico do Sul, como a projetos regionais e a outros empreendimentos, sobretudo ligados à agroindústria alimentar, que poderão florescer ou estiolar-se.

É promissor o desempenho da UFPel para a implantação da pesquisa da tecnologia de alimentos, nesta região. Tal iniciativa, ao lado de cursos de graduação em tecnologia de alimentos, desenvolverá potencialidades regionais, para produzirmos mais alimentos, para o mercado nacional e para compor excedentes exportáveis.

Observamos entusiasmados o crescimento da UFPel, na sua capacidade instalada e de oferecimento de vagas para diferentes cursos.

Entretanto, as atenções do governo agora se voltam mais para a necessária implementação de qualidade do ensino e da pesquisa, como aspecto crucial do desenvolvimento das universidades brasileiras.

No diálogo quotidiano com os nossos universitários, percebo-lhes certo grau de insegurança quanto à valia do que lhes ensinamos, face às características do mundo de hoje.

Há um risco de defasagem do conteúdo do ensino, salvo quando estrategicamente realimentado pela pesquisa e pela experimentação.

Uma universidade é uma estrutura do saber, na forma, no conteúdo e nos objetivos. Saber, não simplesmente dilettante, mas

vitalizado para instrumentar a promoção do homem. Do homem todo, para todos os homens.

A universidade não é estrutura de geração de produtos acabados, mas, centro de constante reavaliação, atualização e aprimoramento da sua produção, mediante o repensar criterioso e permanente.

Creia, Magnífico Reitor, esta distinção muito me honra, e no agradecimento a Vossa Magnificência, aos ilustres integrantes dos Colendos Conselhos desta Universidade e às ilustres autoridades e amigos aqui presentes, rogo a Deus, e assim confio, que a nossa UFPel continue a sua marcante trajetória, atestante do alto tirocínio dos seus dirigentes e da valia do esforço de uma comunidade, que quer sempre ter mais, para poder sempre mais contribuir para a prosperidade constante do Brasil.

(Palavras do Prof. Francisco Louzada A. da Fonseca).

ENGº AGRº EDMUNDO DA FONTOURA GASTAL



SOLENIDADE REALIZADA EM 2 DE JANEIRO DE 1976

Na ocasião, o professor Edmundo da Fontoura Gastal, que havia graduado-se na Universidade de São Paulo, com honras e distinção, em 1969, fez a seguinte entrega: "Grande parte da minha vida profissional se passou na Universidade de São Paulo, e é com grande satisfação que, no dia de hoje, faço a entrega da minha tese de doutorado para a Universidade de São Paulo, que sempre me apoiou e me encorajou a seguir em frente".

Na ocasião, o professor Edmundo da Fontoura Gastal, que havia graduado-se na Universidade de São Paulo, com honras e distinção, em 1969, fez a seguinte entrega: "Grande parte da minha vida profissional se passou na Universidade de São Paulo, e é com grande satisfação que, no dia de hoje, faço a entrega da minha tese de doutorado para a Universidade de São Paulo, que sempre me apoiou e me encorajou a seguir em frente".

Engº. Agrº. Edmundo da Fontoura Gastal.

Na caminhada de uma Universidade, nem tudo é trabalho ininterrupto, nem tudo é ensino, pesquisa e extensão.

A instituição também tem deveres outros como meio em que se insere, parte do todo nacional, estendendo, assim, suas atividades às letras, às artes, à cultura, como tal considerada, independente de suas ministrações curriculares.

E mais que isso: tem de parar, por vezes, na concentração de juízos expressos em solenidades como esta, quando se premiam aqueles que, pela sua atuação, se tornaram dignos do reconhecimento de relevantes serviços prestados à instituição.

Aqui se reunem, para isso, os Conselhos Superiores da Universidade Federal de Pelotas - da Fundação, Universitário e Coordenador do Ensino e da Pesquisa, já de outras vezes convocados para finalidades semelhantes, mas que, a cada vez, facetas novas se oferecem à consideração da entidade.

Hoje, Dr. Edmundo Gastal, o cenário pode ser diferente das outras oportunidades. O ambiente, sede provisória da Universidade, pode ser rústico, de uma simplicidade que já foi até caracterizada de chocante, nesta sala também eventual, destinada a um laboratório da área biológica fundamental, onde se acolhem, também, passageiramente, obras de arte e caixões cheios de equipamentos. Se o aspecto externo assim é, o espírito, contudo, é o mesmo e o momento é o de efetivação de uma escolha e o de imposição de um prêmio.

A Medalha do "Mérito Universitário" V. Exa. bem a conquistou pela decisão unânime do Conselho Diretor da Fundação, órgão máximo do relacionamento Universidade-Comunidade, no exercício pleno de suas atribuições estatutárias.

Essa decisão, por seu lado, não foi graciosa; pren deu-se a uma compreensão alta de V. Exa., num momento apropriado, subseqüente de outro de caráter extremamente grave para a Universidade e para o destino da pesquisa agropecuária desta região.

Não se poderia compreender, nem por um instante, que tendo a Universidade, como seu setor mais extenso, o das ciências agrárias, ficasse estranha aos planos nacionais para o desenvolvimento de pesquisa dessa natureza.

Bastaria, para confirmá-lo, estes dados elementares: a Universidade tem e mantém quatro cursos de nível técnico, quatro cursos de graduação e quatro cursos de pós-graduação em ciências agrárias, sendo assim a instituição que, no país, oferece maior número de diversificações. A esses se juntarão, de imediato, mais dois cursos de pós-graduação, somando assim 14 o número total de seus cursos relativos à ciências agrárias.

Pois bem.

Criada a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA -, elevado V. Exa., por seu merecimento, à alta posição de um de seus Diretores, - logo, sempre que pode, manteve os contatos iniciais necessários, para estabelecer a consciência necessária ao futuro entrosamento.

É bem verdade que a Universidade sempre recebeu as melhores considerações do Presidente da Empresa, Dr. José Irineu Cabral, que há mais de dois anos aqui esteve e reiterou, desde logo, a necessidade da interrelação estreita entre a EMBRAPA e a Universidade.

Mas todos nós sabemos que sempre há o hiato entre o escalão mais alto e os órgãos deliberativos e executivos.

Neste terreno, foi V. Exa. realmente insubstituível, pela amenidade de comportamento, pela aproximação sempre amiga e esclarecedora, pelo desejo sempre manifesto da concretização do entendimento, pelo êxito das tratativas, com vistas, afinal, ao convênio unificador da pesquisa.

Na fase posterior, já em Brasília, sua atuação foi efetivamente preponderante, na amplitude das conversações que então se realizaram.

E todos nós tivemos a satisfação de ver a aspiração comum chegar a seu termo exitoso, com a assinatura do convênio amplo entre a EMBRAPA e a Universidade, na aula inaugural de 1975, proferida pelo Sr. Ministro Alysson Paulinelli e na solenidade por ele próprio presidida.

O tempo mostrará o acerto da decisão e cada vez mais a participação de V. Exa. será ressaltada, como Diretor da Empresa que não se esqueceu que também é pelotense.

Assim, Dr. Edmundo Gastal, nosso conterrâneo, nosso ex-aluno, quem sabe se nosso futuro professor, - tenho a honra de conferir-lhe a Medalha do Mérito Universitário, acompanhada do respectivo Diploma, para que possa ostentá-la com a consciência do dever cumprido e com a consciência talvez igual de ter cooperado para a instituição federal de sua própria terra.

(Palavras do Reitor Delfim Mendes Silveira)

Saudação às autoridades.

Naturalmente que neste momento, em que sou honrado com a Medalha do Mérito Universitário da Universidade Federal de Pelotas, não poderia deixar de expressar da forma mais franca possível, os sentimentos e as reações que me provocam esta homenagem.

Não se trata de querer expressar o agradecimento que é óbvio mas que, muitas vezes pode ser confundido com uma legitimação e o reconhecimento, por parte do próprio agraciado, da justiça da homenagem recebida. Continuo com dúvidas quanto ao meu merecimento, não só pelo alto valor simbólico desta medalha mas, também, pelos méritos dos demais que, antes de mim, foram agraciados pela Universidade Federal de Pelotas.

O que sinto é orgulho. Não o sentimento de orgulho que se confunde com a vaidade da auto-emulação porém, isto sim, o orgulho resultante do reconhecimento da grandeza da homenagem recebida.

Apesar da dúvida antes expressada, recebo a honraria com naturalidade, não pelos supostos méritos que eu tenha acumulado mas, considerando-me o depositário de uma homenagem que realmente se destina a um grupo de pessoas. Alguns, pelotenses como eu, outros não, porém todos empenhados em propiciar a Pelotas e a Zona Sul do Estado, não favores gratuito e injustificados, e sim o mínimo que esta região merece, tendo em vista sua realidade atual, sua potencialidade para o futuro e o relevante papel que lhe corresponde no contexto da economia riograndense e no desenvolvimento do Brasil.

Interpreto que o Conselho da Universidade Federal de Pelotas ao me agraciar com a Medalha do Mérito Universitário, está prestando, na minha pessoa, por ser pelotense e Diretor da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, uma homenagem a todos aqueles que, aqui em Pelotas, em Bagé, em Porto Alegre, em Brasília ou em outros lugares, pelotenses ou não, desde o momento em que foi criada a EMBRAPA, em abril de 1973, têm empenhado o seu esforço no sentido de assegurar à Zona Sul e à Pelotas o tratamento que realmente merecem em termos de infra-estrutura e apoio à pesquisa agropecuária.

Não foi fácil e continuará sendo difícil. A luta não terminou, apenas superamos uma de suas fases mais decisivas. No entanto creio que algo já foi feito.

Enfrentamos resistências, incompreensões e, também, ainda que por sorte raramente, até má vontade. Mas o pior não foi isto, o mais chocante, algumas vezes, foi a crítica de pessoas da Zona.

Não aquela: construtiva franca, aberta e que se constitui em uma das formas mais eficientes de colaboração, ainda que seja dura e até mesmo em termos ríspidos; esta nos serve de inspiração. Refiro-me à crítica sem conhecimento de causa, sorrateira, mais uma resultante de frustrações pessoais e ressentimentos, do que o fruto da análise cuidadosa, profunda, e da preocupação colaboracionista. Porém, por sorte, a grandeza das intenções de muitos, conduz ao desprezo da mesquinhez de poucos. A compreensão e o apoio da maioria devem estimular a tolerância e o respeito pelas minorias.

O IPEAS que tantos serviços prestou à região Sul do País e ao Brasil deixou de existir como tal. Não em consequência de uma decisão isolada, mas devido a um processo de mudança institucional que transformou todos os antigos institutos regionais. Aproveito este momento para, de público, manifestar o meu respeito, a minha admiração e os meus agradecimentos a todos aqueles que dedicaram a sua capacidade e o seu esforço, nas diversas etapas de funcionamento daquele prestigioso instituto.

Na área geográfica de ação do ex-IPEAS, hoje temos já em processo de implantação a Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária que vai operar em base a um esforço conjunto da EMBRAPA e do governo catarinense. Ainda em Santa Catarina, foi criado e está sendo implantado, em Concórdia, o Centro Nacional de Pesquisa de Suínos, administrado diretamente pela EMBRAPA.

No Rio Grande do Sul, nenhuma das unidades operativas do antigo IPEAS sofreu solução de continuidade no seu funcionamento. Todas elas estão passando por um processo de transformação.

Hoje temos, já em pleno processo de reorganização institucional e se ajustando gradativa e rapidamente ao novo modelo operacional de pesquisa agropecuária, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo em Passo Fundo.

No que se refere ao Sistema Estadual de Pesquisa do Rio Grande do Sul, enquanto aguardamos a formalização de convênio com o Governo do Estado, vamos reorganizando as unidades que pertencem à EMBRAPA.

A UEPAE - Unidade de Pesquisa de Âmbito Estadual, de Bento Gonçalves, já está sendo reorganizada para se tornar uma verdadeira unidade de pesquisa de vitivinicultura.

A unidade de Bagé, Fazenda Cinco Cruzes, já se encontra em pleno processo de modernização, visando dotar o Rio Grande do Sul de uma unidade de investigação que, efetivamente, atenda a demanda de novos conhecimentos da pecuária gaúcha.

Os projetos de reorganização das UEPAEs de Casca-
ta e Pelotas (ex-sede do IPEAS) já foram aprovados e o ano de 1976 será,
sem dúvida, o ano da dinamização destas duas unidades de pesquisa.

Já está decidida a instalação, em Pelotas, de uma grande unidade de pesquisa em Tecnologia de Alimentos que se dedicará, basicamente, a três áreas de pesquisa: Tecnologia de Conservas de Frutas e Hortaliças, Beneficiamento de Grãos e Industrialização de Pescado.

Afora o fortalecimento de suas próprias unidades, a EMBRAPA tem dedicado especial atenção ao apoio à outras instituições de pesquisa, especialmente às Universidades. No Rio Grande do Sul, neste momento, estamos apoiando 15 projetos especiais executados por outros órgãos, nos quais a participação financeira da EMBRAPA alcança quase 12 milhões de cruzeiros. Aos órgãos de pesquisa do governo do estado, em 1975, foram repassados aproximadamente 3,5 milhões de cruzeiros.

No caso da Universidade Federal de Pelotas, além do repasse, em 1975, de recursos financeiros que superam a 1 milhão de cruzeiros, existe o convênio para operar a UEPAE de Pelotas num esforço conjunto UFPel-EMBRAPA. Convênio que se constituiu no instrumento de transformação de uma situação de difícil relacionamento para uma fase de entrosamento total e atuação conjunta. Fórmula que já está servindo de exemplo e orientando os entendimentos para a possível adoção de procedimentos similares em outras regiões, como é o caso nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Evitando o excesso de citações numéricas, quero apenas destacar algumas cifras que me parecem muito expressivas. Em 1975 a EMBRAPA aplicou no Rio Grande do Sul, aproximadamente 45 milhões de cruzeiros. Destes, 39,5 milhões nas suas próprias unidades e 5,5 milhões em pesquisas realizadas por outras instituições. Do total antes citado, 25 milhões foram gastos aqui na Zona Sul. Para 1976, sem considerar a unidade de Tecnologia de Alimentos, cujo projeto ainda não está terminado, deverão ser aplicados na Zona Sul mais de 30 milhões de cruzeiros em pesquisas agropecuárias, mobilizando mais de meia centena de pesquisadores.

As transformações tem sido profundas. No caso específico aqui de Pelotas, as mudanças têm sido orientadas no sentido de evoluir de uma situação, em que as unidades aqui sediadas dedicavam grande parte de sua atenção à outras regiões e a outros estados, para um modelo institucional no qual as unidades de pesquisa agropecuária deverão orientar a sua ação para a solução dos problemas que afligem os produtores agrícolas da Zona Sul do estado e impedem o desenvolvimento agrícola desta região.

É fundamental que se analise o passado como um instrumento de interpretação do presente e transformação do futuro. As instituições nascem, se desenvolvem, alcançam a maturidade e a plenitude de sua capacidade, e entram na decrepitude. A falta do esforço no sentido da modificação, da atualização e da adequação das mesmas às características do presente e às necessidades do desenvolvimento econômico e social, leva à inanição.

Não cabe nenhuma dúvida que vivemos uma época de extremo dinamismo, no qual o esforço de adequação das instituições e dos mecanismos operacionais, também tem de ser muito intenso. Na pesquisa agropecuária estamos fazendo este esforço, entre outras razões, porque estamos conscientes que a neutralidade da tecnologia é uma falácia, e que todo o modelo de desenvolvimento exige tecnologias adequadas aos diferentes modos de produção pretendidos.

Considero que a Zona Sul do Rio Grande do Sul apresenta situação ímpar no âmbito do estado e também, a nível nacional. Não se encontra em nenhuma outra área do Brasil uma concentração tão expressiva de unidades de pesquisa e, consequentemente, de pesquisadores, voltados especificamente para os problemas da agricultura local e dedicados àqueles produtos que são o suporte da economia agropecuária.

O que reforça uma visualização altamente otimista para a intensificação do desenvolvimento da Zona Sul, mais do que as necessárias transformações na pesquisa agropecuária, é o dinamismo e a capacidade da liderança local na agricultura, na indústria e no comércio, juntamente com o sentimento de solidariedade e associação plasmado no enfoque regional dos problemas, magnificamente exemplificados pela Associação dos Municípios da Zona Sul e ASCAMSUL - Associação de Câmaras de Vereadores, e, principalmente, a operosidade e dedicação da população sulriograndense, que se constitui no potencial principal a ser adequadamente mobilizado para intensificar o desenvolvimento da região.

Insisto que dificilmente existirá outra Zona no Brasil com um potencial tão grande para deflagrar um intenso processo de desenvolvimento regional integrado.

Neste processo não cabe dúvida, papel relevante deverá corresponder às universidades sulriograndenses, lideradas pela Universidade Federal de Pelotas. Estas deverão estar cada vez mais comprometidas com o desenvolvimento da região, como um instrumento na operacionalização de alguns dos serviços necessários ao processo e, principalmente, atuando como guias, através do esforço contínuo de interpretação da realidade econômica e social da área. Sempre que necessário ,

terão que se autotransformar a fim de que, por meio desta autosuperação, estejam permanentemente identificadas com as necessidades do desenvolvimento das suas áreas geográficas de influência e com os anseios de bem estar das populações rural e urbana.

No momento em que, por iniciativa das lideranças políticas e contando com o assessoramento dos setores técnicos, forem mobilizados os diversos órgãos disponíveis, coordenadas as ações dos setores públicos federal, estadual e dos municípios envolvidos e, em especial, sensibilizada, conscientizada e comprometida a população para que participe como agente ativo e não apenas como expectadora na determinação do seu próprio destino, teremos um verdadeiro esforço integrado na busca e implementação das soluções para o desenvolvimento acelerado. O que servirá, sem sombra de dúvida, como exemplo para o resto do Brasil.

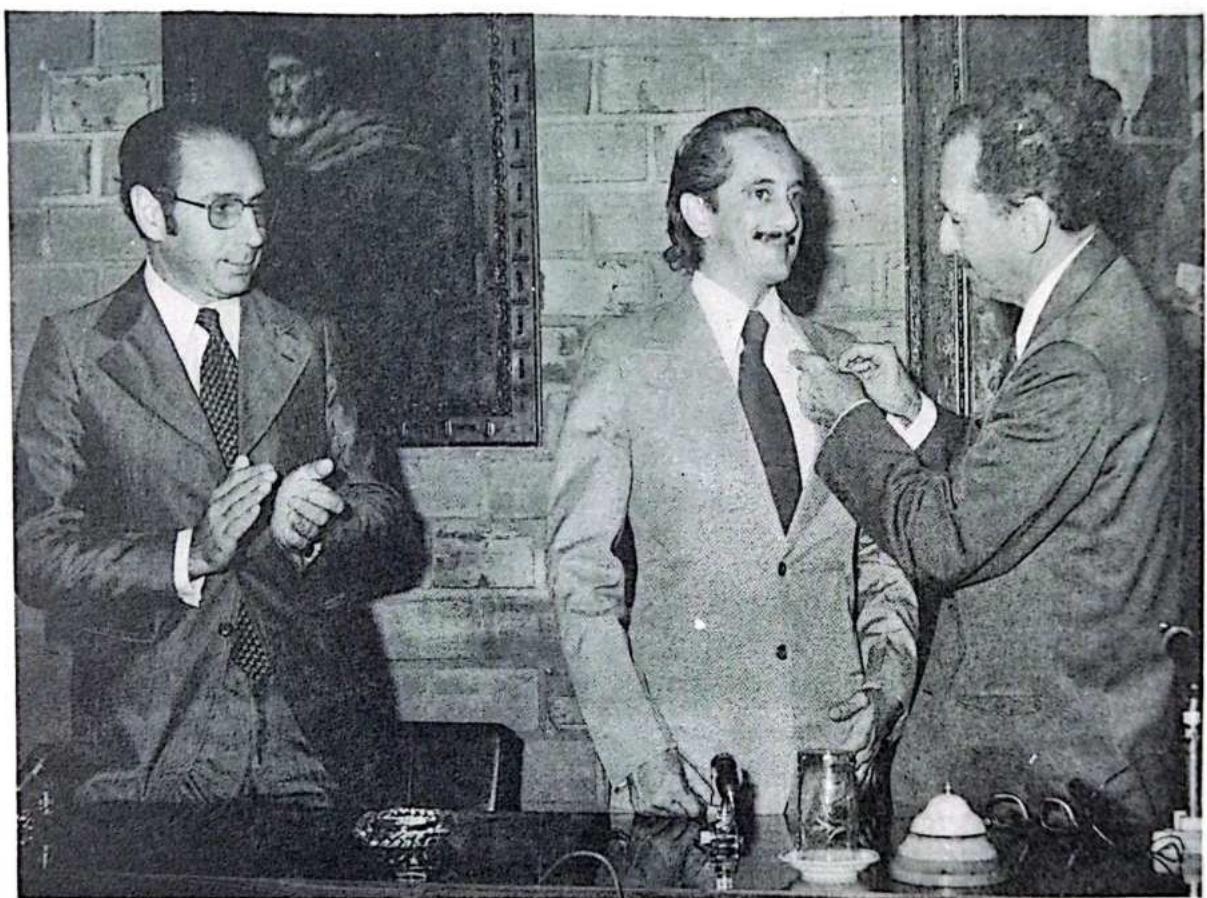
Algumas vezes já fui caracterizado como sonhador e utopista, porém creio, sinceramente, que este é um projeto viável. Cabe às lideranças locais promover a sua materialização, não só pelo que proporcionaria em benefícios a própria Zona mas, também, pelo que representaria a nível estadual e nacional pelo pioneirismo e pelo exemplo.

Creio que geralmente uma parte do impossível se trata apenas do que é mais difícil de ser alcançado. Que seria da humanidade se não existissem homens que acreditam na capacidade de seus semelhantes, se faltassem aqueles que estão dispostos a aceitar o desafio das dificuldades e não houvesse quem confiasse na capacidade criativa da espécie humana no sentido de materializar sonhos, supostamente irrealizáveis, e fazer com que a utopia de ontem... seja transformada em possibilidade de hoje... e realidade no amanhã.

Muito obrigado.

(Palavras do homenageado, Dr. Edmundo Gastal)

PROF. EDSON MACHADO DE SOUSA



SOLENIDADE REALIZADA EM 19 DE MARÇO DE 1976

Professor Edson Machado de Sousa.

Os Conselhos Superiores da Universidade, aqui reunidos, lhe entregam, por meu intermédio, e em nome de toda a instituição, a Medalha do Mérito Universitário, instituída estatutariamente para reconhecer relevantes serviços prestados.

Outros professores, outras personalidades, em outros momentos, também a receberam, em solenidades como esta, com a mesma singeleza e com a mesma espontaneidade desta. Foram os marcos do caminho andado, como esta, pelo seu registro, será um novo ponto assinalando o sinal de uma passagem e uma abertura maior para a crônica de amanhã.

As razões da concessão desses prêmios foram várias, como varia é a natureza humana e varia é a destinação e o serviço social de cada um.

Em todos eles, porém, uma tônica caracterizou-a, dando-lhe a exata medida de sua justificação - o mérito.

É, mais uma vez, ele que aqui nos reune, representantes de todos os setores da Universidade, componentes de seus três mais altos Conselhos, que, já anteriormente, ditou a decisão unânime do Conselho Diretor da Fundação, que, órgão com essa atribuição, lhe concedeu a Medalha do Mérito Universitário.

— Não foram as solenidades anteriores gratuitas, mereadamente encomiásticas ou simplesmente laudatórias, iguais a tantas que infelizmente ainda ocorrem no mundo universitário. Nunca se pautou a instituição por decisões ou manifestações dessa ordem e cuido que jamais a fará. Procedimentos desses desprestigiam a quem presta e a quem recebe a homenagem.

Dai a pobreza numérica de nosso quadro de agraciados.

Vossa Excelência, Senhor Professor Edson Machado de Sousa, bem mereceu o prêmio e o diploma que o expressa. É que, independentemente de sua titulação, abstraindo a especialidade e a experiência, mas por ser quem é, estabeleceu uma sistemática, não direi nova, mas seguramente diferente, entre as Universidades e o Departamento de Assuntos Universitários. Começou, como é óbvio, avocando as próprias atribuições, antes dispersas, esparsas e aspersas. Da concentração, ainda obviamente, resultou a unidade de contato e os demais órgãos voltaram ao seu redil. É incrível como um pequeno lance abre as perspectivas com que muitos nem imaginam. É que, uma vez mais, é apenas uma constatação. Vossa Excelência ocupou o cargo e não foi ocupado por ele. E mais

Magnífico Reitor, Prof. Delfim Mendes Silveira, Magníficos Reitores da Universidade do Rio Grande e da Universidade Católica de Pelotas, Senhores Membros dos Colegiados Superiores da Universidade Federal de Pelotas, Dignas Autoridades que me honram com suas presenças.

Recebo esta homenagem da Universidade Federal de Pelotas, sem dúvida com orgulho, mas também com bastante humildade, porque reconheço conscientemente que, embora exercendo uma função administrativa situada na cúpula do sistema universitário brasileiro, embora tendo tido uma origem no meio do ambiente universitário, não sou por exercício ou profissão, um professor universitário. Aqueles que me conhecem há mais tempo ou que passaram a me conhecer recentemente sabem que o meu exercício magisterial foi curto, e sem dúvida insuficiente para que possa ser considerado membro da comunidade universitária, no seu sentido estrito.

Sem dúvida, passei a interessar-me e a preocupar-me com os problemas da Universidade brasileira bem cedo. E foi ao longo de um curso de mestrado incompleto, que passei a desenvolver algumas das ideias e dos princípios que até hoje me orientam na alta função com que me honrou o Senhor Ministro Ney Braga.

Se algum mérito tenho nessa função, creio que esse é o de saber ouvir e o de confiar.

Se alguma mudança introduzi no relacionamento entre o Ministério e as nossas Universidades, essa foi, sobretudo, a de depositar absoluta confiança no trabalho que se desenvolve na Universidade. Se mais não se faz, é porque não se pode. E se mais não se pode fazer, é porque, felizmente para nós, o país e o Governo que eu represento tem inúmeras outras preocupações, problemas e necessidades. Mas estou seguro de que na história do sistema universitário federal estes dois curtos anos de gestão do Senhor Ministro Ney Braga representaram modificações profundas de comportamento, de orientação, de estabelecimento de normas e, porque não dizer, representaram, também, um aumento substancial dos recursos colocados à disposição desse sistema.

Introduzimos a ideia e o princípio da seletividade, no sentido de que continuamos buscando obter o maior resultado possível de cada cruzeiro gasto. Mas essa seleção, este princípio de seletividade que se aplica - continuaremos a aplicar enquanto estivermos nas funções - sabem os Magníficos Reitores, procuram se pautar em uma desinteressada e absolutamente honesta apreciação do desempenho, mas, sobretudo, da potencialidade de cada uma das nossas instituições. As neces-

sidades são conhecidas. As Universidades tem o seu acesso assegurado a qualquer momento e a todo o instante ao Ministério. Tem hoje com quem discutir, com quem colocar as suas dificuldades e saem sempre, com certeza, senão com a solução final de seus problemas, ao menos saem com a perspectiva perfeitamente equacionada de possibilidades de solução ao longo do tempo. Não é possível, infelizmente, dar respostas imediatas. Não é possível, infelizmente, solucionar todas as dificuldades, no momento em que elas são apresentadas. Mas, pelo menos, acho que há uma segurança para as Administrações Universitárias, que é a da perspectiva da solução, na medida em que se equacionam e que se toma, conscientemente, conhecimento dessas necessidades e das suas possibilidades de solução.

Gostaria que me permitissem levar para Brasília esta homenagem, como uma homenagem não ao Diretor do Departamento, mas ao Departamento. Uma homenagem a uma equipe que tenho muita honra e muita satisfação em dirigir, e uma equipe na qual confio. Graças a essa confiança e a minha capacidade de ouvir, é que se tem conseguido fazer o que já se fez nestes dois anos de administração.

Obrigado à Universidade Federal de Pelotas.

(Discurso de agradecimento do Prof. Edson Machado de Sousa - Improviso sem revisão do orador)

SENADOR JARBAS GONÇALVES PASSARINHO



SOLENIDADE DE ENTREGA DO TÍTULO DE

DOUTOR "HONORIS CAUSA"

23 de maio de 1975

Senhor Senador Jarbas Gonçalves Passarinho.

A Universidade Federal de Pelotas, através de seus três Conselhos Superiores - da Fundação, Universitário e Coordenador do Ensino e da Pesquisa - aqui reunidos, tem a honra de receber-lo, nesta sessão extraordinária, para entregar-lhe seu título máximo: "Doutor Honoris Causa".

Poucas personalidades fazem jus a ele. Vossa Excelência é uma delas. Até agora, apenas duas vezes foi concedido, nos cinco anos de existência da instituição. Esta é a primeira delas. Não vale pela sua expressão formal, por assim dizer gráfica, senão pela sua realidade profunda, pelo seu conteúdo que transcende à mera apresentação material, em si própria de extrema modéstia. Vale pelo que é, no estilo de sua escolha, na imanência ontológica que deriva de sua própria origem. Passa a ser assim um de seus doutores, um dos doutores honorários da nossa Universidade. Não é fácil consegui-lo, atualmente. Cuido que igualmente assim será no futuro. Impõe-se uma soma altamente significativa de serviços, seja à entidade, seja à própria Nação.

Evidentemente, Sr. Senador, trata-se do segundo caso. A Universidade o premeia pela sua atuação no campo do ensino, no campo da educação e cultura, consoante sua gestão ministerial. Nem poderia ser de outra forma.

É certo que esta Universidade sempre recebeu a melhor acolhida por parte de Vossa Excelência. Sempre seu Reitor foi distinguido com a melhor consideração, tanto em seu Gabinete, como nos escalões subordinados do Ministério. Pessoalmente, Sr. Senador, sempre recebi de Vossa Excelência provas exuberantes de apreço e as reivindicações da Universidade, atendidas ou não, foram objeto de estudo, muitas vezes acurado.

No momento difícil, por que passou a administração da entidade universitária, em dezembro de 1972, quando seu setor gráfico foi invadido e destruído, com a retirada forçada dos equipamentos e depredação do local, recebeu a Universidade integral solidariedade do seu Ministro, que atuou com energia, imediatamente após o acontecimento, empenhando-se até em que fosse o Reitor recebido pelo Ministro da Agricultura. E foi o registro dessa atuação, o encaminhamento do inquérito procedido, a ressonância dessa posição de Vossa Excelência, um dos fatores que vieram a modificar as condições existentes. E criadas novas condições, foi possível, quando do surgimento da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), um tratamento novo para a Universidade, que veio a consubstanciar-se no convênio há pouco assinado, pelo qual a Unidade de Pesquisa aqui sediada, com objetivos defini-

dos, resulta da entrosagem do Ministério da Agricultura, por intermédio de seu órgão vinculado, e a Universidade Federal de Pelotas, sob co ordenação de confiança dos dois órgãos, e que recaiu em professor nosso, o ilustre Engº Agrº José Francisco Patella.

Muitas outras dificuldades enfrentou a Universidade, como Vossa Excelência sabe tanto quanto eu, mesmo porque sempre o coloquei a par dos assuntos graves, na medida em que eles foram surgindo.

Não quero referir-me, particularmente, a nenhum deles. Mas quero significar, com o silêncio, a messe de intrigas, mesmo junto a Vossa Excelência, que povoaram a primeira fase de implantação desta Universidade.

Não foram, contudo, essas as determinantes da confiração do título e nem sequer a prática coincidência da existência inicial da Universidade com a sua gestão ministerial.

Menos ainda os recursos, que não foram muitos, que sabe Vossa Excelência que foram poucos, nem as atenções que seu Reitor invariavelmente recebeu de um Ministro realmente excepcional pela sua inteligência.

É que, Senhor Senador, na vida dos indivíduos, como na vida das instituições, momentos há em que o tempo para, na concentração de um juízo. Neles, são passados em análise os fatos que dão motivo à exaltação ou ao desmerecimento.

Vossa Excelência passou mais de quatro anos recebendo e naturalmente julgando os reitores brasileiros. É natural. Concedeu a muitos a Ordem Nacional da Educação. A todos com justiça, com uma única exceção.

Também as Universidades, por sua vez, julgaram seu Ministro. E de toda a sua gestão, entre grande número de iniciativas e de realizações, uma houve que, a juízo desta instituição, a todas sobreleva e de todas se entretece: a concessão efetiva dos regimes especiais de trabalho do corpo docente. Pela primeira vez, em toda a história do ensino superior, valorizou-se o professor, destacou-se seu trabalho, dando-lhe um tratamento diferenciado, no conjunto dos servidores públicos. Nem a todos atingiu a medida. Mas a um número deveras considerável. Isso foi obra sua e de mais ninguém, apoiada, é certo, pela Presidência da República, o que não lhe tira, em nenhum caso, o merecimento da realização. Ela é sua, Senhor Senador, e ninguém mais lhe pode subtrair a idéia e sua concretização.

O atual Plano de Reclassificação, neste tocante, não será mais que uma extensão do empreendimento pioneiro.

Essa, Senhor Senador, a nosso ver, a melhor obra, de sua profícua gestão, no ensino superior.

Acima do homem cordial, e, além da aguda inteligência do eminente brasileiro, e possivelmente por causa dela, foi o reconhecimento da necessidade do novo enfoque que o enalteceu e o recomenda às gerações dos nossos mestres, daqueles que preparam os universitários para o exercício de suas carreiras, que tão de perto dizem respeito com o desenvolvimento econômico-social de nossa terra.

Bem me recordo da reunião, na Universidade de Brasília, entre Vossa Excelência e os reitores brasileiros e mais ainda me lembro dos óbices, das grandes dificuldades, da penúria inicial de recursos. Nada o entibiou e hoje os recursos iniciais são uma realidade maior, a ser dilatada pelas novas leis já vigentes.

Que mais será necessário para que o Ministro que assim agiu possa ser considerado como um dos doutores das Universidades que lhe estiveram subordinadas?

Assim, este título, Senhor Senador, meu eminente amigo, creio que assim possa chamá-lo, grande em sua vida, grande em sua maneira de ser, afável, digno, capaz, brasileiro como os que mais o seguem.

Assim este título ao ex-Ministro, que é, no Brasil, universalmente considerado uma de suas grandes inteligências, a tal ponto que os taquígrafos do Senado mal conseguem registrar as 180 palavras que coordenadamente profere por minuto.

Assim este título, modesto na forma, absolutamente desataviado, que, apesar disso, expressa uma sentença que se incorpora ao seu patrimônio cívico e intelectual de cidadão, de homem público, a honrá-lo, honrando-nos a todos quantos fazem do preparo profissional da juventude a razão de ser de sua vida.

Senador Jarbas Gonçalves Passarinho, doravante nosso professor honorário, o mérito é seu e nosso. Seu porque soube conquistá-lo. Nossa porque reconhecemos essa conquista e o teremos entre nós nessa condição de ser e de não ser, de ser de direito, sem o ser de fato, mas de todas as formas, com a presença simbólica em nossos quadros de um eminente brasileiro.

(Saudação do Reitor, Prof. Delfim M. Silveira)

Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pelotas, Professor Doutor Delfim Mendes Silveira. Exmo. Sr. General Comandante da Brigada Mecanizada. Exmo. Sr. Prefeito Municipal, meu dileto amigo Ary Alcântara. Magnífico Reitor da Universidade Católica de Pelotas, D. Antonio Zattera. Meu dileto amigo Secretário Estadual de Educação, Dr. Ayrton Vargas. Querido amigo Professor Doutor Cel. Daniel Monteiro, Presidente do Banco Sul Brasileiro. Senhor Presidente da Liga da Defesa Nacional, Secção local. Autoridades aqui presentes ou representadas. Egrégios Conselhos Universitários. Jovens Universitários, minhas senhoras e meus senhores.

Por saber que no fundo eu não passo de um, sentimentalão, tenho usado ao longo de minha vida um sistema de desmoralizar minhas emoções. Procuro desmoralizá-las com a ironia ou com a frase jocosa. Mas, à proporção que falava o Magnífico Reitor desta Universidade eu me perdia sem rumo em busca de uma forma de desmoralizar aquilo que no fundo de meu coração, crescia e transbordava para todo o meu ser.

Receber este, nesta altura da minha vida, conquanto ainda concedido ao meu tempo de Ministro, é um desses títulos que marcam os momentos de eternidade dos homens.

Aqui estou, diante dos ilustres professores brasileiros. E, ao por a mão neste título que tanto me enaltece, é fatal que o meu sentimento se volte para o passado e a minha lembrança reproduza, instantâneamente diante de mim, os quatro anos e três meses de uma das mais fascinantes aventuras da minha vida.

Especializo-me em ser "ex". Não digo que hoje seja ex-Oficial do Exército, porque, graças a Deus, não fui cassado. Mas sou um Oficial da Reserva. E sou aquilo que o General Castelo Branco chamava de anfíbio. Certa vez lhe perguntei o que era isso. E ele me disse: "Anfíbio é como o General Fulano que está na reserva há muitos anos e os civis o chamam de general e os militares nem de civil o chamam. Chamam-no de paisano, que é uma corruptela de civil."

Ex-Governador do Estado do Pará, tudo fiz para me comportar como tal. Isto é, não interferir na vida do meu sucessor. Ex-Ministro do Trabalho e da Previdência Social. Ex-Ministro da Educação e Cultura e quase, nas eleições de 15 de Novembro, ex-Senador da República. Entretanto, ainda vim dos meus pagos para estes, com mais de o dobro da votação de meu adversário, apesar de ter compreendido, duramente que o afastamento das bases é terrível. Na política, por vezes, o que vale não é a grandeza da escala, mas, ao contrário, a mesquinhez do ódio

E, por uma razão que nenhuma lei superior me ensinou, esse ódio tem a sua grandeza, na proporção inversa do tamanho da comunidade. Ontem ainda, eu sentava a uma mesa numa estação de televisão em Pôrto Alegre, para debater com professores, a maioria dos meus debatedores, e me ocorreu dizer ao início da resposta, que eu era um homem profundamente afortunado, porque eu começava a poder ser julgado em vida e poder defender-me ainda vivo.

Discutia-se nessa ocasião, Magnífico Reitor, o problema da qualidade do ensino.

Mas antes de chegar a ele, eu gostaria de dizer como tenho com Pelotas débitos que jamais poderei saldar. Não o primeiro que não se considerou como tal. Quando saia eu da Escola Preparatória de Cadetes, num pequeno Ita, parando aqui e vendo a cidade que se orgulhava de rivalizar com Pôrto Alegre, e não podendo passar aqui senão algumas horas. Este ainda não foi meu débito. O meu débito começou Ministro do Trabalho, quando um vereador, homem simples, trabalhador, de partido de oposição ao meu, fazia uma proposta na Câmara de Vereadores, desta cidade, para que eu fosse cidadão honorário de Pelotas. E eu tive oportunidade de receber esse título que me foi concedido pela unanimidade dos representantes do povo.

Posso hoje, portanto, chegar diante destes Egrégios Conselhos e, quebrando um pouco da cerimônia da Universidade, dizer: meus conterrâneos, porque estou armado cavaleiro como cidadão de Pelotas, pelo próprio partido de oposição.

Mais tarde, foram os encontros com estes dois notáveis Reitores, aos quais me afeiçoei profundamente. A figura do gentil-homem que desaparece aos poucos neste mundo novo e que nós encontramos na pessoa do Reitor Delfim. A figura fascinante do mestre, que só tem um defeito no meu entendimento: é o excesso de modéstia. E se ele me permite, pediria eu a Sua Magnificência que me dê, ao lado deste título, em si já tão honroso, outro, o direito de levar comigo as suas palavras escritas que me fizeram acreditar no merecimento de receber este título. E eu faria uma incursão ao seu campo predileto da filosofia, para dizer que, talvez, além da própria significação ontológica, nós pudessemos discutir alguns valores axiológicos, no momento em que ficamos defronte um do outro e ambos defronte da cultura de Pelotas.

Há honras e honras. Há títulos e títulos.

Passo, então, a rever no meu passado a angústia com que cheguei ao Ministério da Educação. Se há um mérito na minha chegada, é um único: não o pleiteei. Ao contrário, o recebi pela voz distante, no telefone, do Rio de Janeiro para Washington, onde me encontrava chefiando uma delegação brasileira à Conferência Interamericana do Trabalho. E o Presidente me dizia: "Quero você no meu Ministério" - era o Presidente Médici. "Mas não quero você no Trabalho, acho que lá você já cumpriu a sua missão. Quero que você cause um impacto na juventude brasileira. E o homem que eu escolhi para esse impacto foi você".

É natural que esse impacto poderia ser feito de duas maneiras: uma como um trator, entrando na floresta e decepando árvores, quebrando, desordenando as coisas. Outra, com a tentativa de vir com as mãos abertas, o espírito desarmado, a estendê-las para aqueles que quizessem tocá-las, não em favor de mim e do Presidente, mas em favor do Brasil. E eu encontrei, outra vez em Pelotas, este gesto de fraternidade, este entendimento, entre mestres, entre funcionários da casa e estudantes, o que é um refrigerio extraordinário para aquelas amarguras que nós colhemos, de quando em quando, na vida pública. E creio até que eu sou injusto, falando restritivamente na vida em público, porque, ao longo da vida, qualquer que ela seja, as amarguras aparecem.

Recordo-me da minha entrada - três dias de Ministro - para me dirigir ao Conselho Federal de Educação. E esse assunto ficou depois conhecido, porque foi muito explorado na imprensa brasileira. Eu me dirigia, sem dúvida, temeroso, mas me lembrando daquelas lições da nossa velha Escola Militar do Realengo, em que se dizia que certo general francês, montado a cavalo, tremia de medo e dizia: "tremerás mais carcaça, se souberes para onde vou te levar" e foi na direção do inimigo.

A mesma situação psicológica vivia eu. E, ao adentrar no Conselho Federal de Educação, esbarrou-se-me a figura de um jornalista que me perguntou provocadoramente: "Coronel" (eu já era Senador) "Coronel, como é que o senhor se encontra? Não se encontra deslocado para falar com os Mestres da Educação brasileira?" E eu rapidamente pensei e perguntei: Já ouviu falar de Calógeras? - Pausa. Dúvida. E eu tomei uma atitude de professor sádico, diante do aluno de 2º época. Não lhe dei uma oportunidade maior senão de repetir o próprio nome. Depois disse: Pandia? Continuou ele em completa ignorância. Eu disse: João? Engenheiro de Minas? Ministro. Ministro da Guerra. O único Ministro civil, da Guerra. Sabe então agora, quem é ele? Sei, respondeu-me ele. Eu disse: Pois eu pretendo resgatar o débito. E entrei no Conselho Federal de Educação.

Petulância? Provavelmente sim.

Mas muito ao contrário dessa afirmativa simplista de petulância, a resposta era uma reação de timidez, de quem se sentia agredido no momento em que se dirigia, realmente, para uma Casa onde à minha entrada, várias vezes a palavra "cenáculo" foi proferida.

Ao analisar a educação brasileira àquela altura, eu verificava que muita coisa já havia sido feita, graças a Deus, em favor dela. Mas, muito mais ainda estava por ser feito. Eu lia ávidamente tudo que me vinha, no sentido de poder fazer um diagnóstico da educação brasileira. Li pessimistas e otimistas. E li alguns realistas também. Dos otimistas eu tirei apenas a lição, mas me precatei contra eles um pouco. Dos pessimistas, nenhuma lição recolhi, porque eu havia lido de um escritor inglês que "o pessimista é um cavalheiro que se sente mal quando está bem, pelo medo de se sentir pior, quando estiver melhor". De modo que essa não é a categoria de gente que me agrada. E se nós vivessemos apenas em função dos pessimistas, nenhuma realização fariam. Mas me chocava verificar, por exemplo, que o Brasil tinha um número de analfabetos que ninguém me sabia dizer quantos eram - adultos. Lembre-se a Universidade que eu assumia o Ministério em novembro de 1969. Ainda não houvera o recenseamento de 70, que só ao fim do ano de 70 apareceria. Falava-se em 12 milhões de analfabetos, e falava-se em 40 milhões de analfabetos. De um modo geral essa disparidade era caracterizada pelos discursos. Nos discursos de passagem de função, os Ministros da Educação chegavam a 12 milhões. Nos discursos de assunção, de posse, os Ministros chegavam a 40 milhões. Doze ou quarenta, quantos milhões fossem, o fato é que em setembro de 70, o recenseamento provou a existência de 18 milhões de analfabetos adultos no Brasil. E se nós considerássemos essa parcela de brasileiros, isoladamente, só ela seria o equivalente à quarta ou à quinta população latino-americana. Como desenvolver um país, com uma mão de obra marcada substancialmente pelo analfabetismo? Qualquer alôa que se cante à inventiva brasileira e à capacidade extraordinária do trabalhador brasileiro, 18 milhões de analfabetos, com mais de 15 anos de idade, pesavam seguramente na improdutividade dos três setores brasileiros: primário, secundário e terciário.

Lançamo-nos ao MOBRAL. Já existia, desde o tempo do Presidente Costa e Silva. Mas, graças às passeatas dos estudantes universitários no Rio de Janeiro, as verbas do Mobral foram desviadas para as Universidades brasileiras. E outra vez, aos privilegiados mais se concedeu, em detrimento daqueles que mais necessitavam, porque era uma política de emergência que se tinha que atender.

Certa feita, já o Mobral em plena atividade, nós tendo conseguido este êxito extraordinário, que foi a motivação nacional, o Mobral nas salas de aula cedidas pela Igreja Católica, pelas Igrejas diversas, pelas Lojas Maçônicas, pelas Tendas & Espíritas e sei lá quem mais, eu voltava empolgado de uma colação de grau. De Mobralense. E era uma senhora a oradora da turma. Trazia pela mão uma criança. E na outra mão, trêmula, o discurso de agradecimento, pelo recebimento de seu diploma de alfabetizada. Não se tratava, como sabem Vossas Excelências, de apenas assinar o nome. O Mobral tinha um decálogo. Tinha e tem. Para ser dado o título, acabamos concluindo que eram necessários cinco meses de trabalho. E com - desgraçadamente - um aproveitamento menor de 50%. E ela, no instante em que lia o seu discurso, teve a voz embargada. Não pôde continuar. E disse-me de um modo, como eu só tinha ouvido no Pará quando Governador, visitando o interior, eu ouvia este mesmo tratamento. Ela me disse: "Governo". - Não me chamou Ministro - Era Governo. "Governo, eu não sei mais o que posso dizer. Eu sei ler isto que aqui está". E lagrimando, ela disse: "Mas o que eu quero dizer é que esta foi a primeira vez que me auxiliaram a me alfabetizar. Eu lutei várias vezes, eu mesma, e fui vencida. E a última vez, foi esta menina, que tem oito anos que me ensinava errado o alfabeto português". - E eu comentava isto com um grande economista brasileiro. Poucos dias depois, ainda estava completamente tomado pela emoção daquela cerimônia. E o economista me perguntou: "Você disse que se tratava de uma senhora idosa?" Eu disse sim. "Presumidamente que idade" indagou ele. Respondi que a mesma tivera a coragem de dizer que tinha 80 anos de idade. E o economista me respondeu: "Mau investimento". - "Mau investimento, porque este investimento seria altamente produtivo, dos 15 aos 35 anos e aos 80 anos de idade a sobrevivência é pequena". E eu lhe respondi: Aí é que os técnicos se alienam definitivamente da vida. Porque mau investimento, no sentido econômico, eu acredito que seja. Mas nenhum investimento de igual valor, de riqueza substancial de exemplo, podia ser dado por uma criatura humana igual a essa.

E assim conduzi a minha vida, nos quatro anos e três meses de Ministro.

Olhava nas estatísticas, referência ainda a 1965, no Anuário Estatístico Internacional da Unesco, o Brasil com 132 estudantes, para cada 100 mil habitantes. A Argentina, com 780. O Uruguai, com mais de 600. E no panorama latino-americano, em proporcionalidade, de população para estudantes universitários, nós só conseguimos ganhar do Haiti, de Honduras, da Guatemala e de El Salvador. Ao deixarmos o Ministério, com os vestibulares de 74, havia um milhão de estudantes universitários, na Escola Brasileira. E havia menos 5.300.000 brasileiros adultos analfabetos.

Quando eu penso que isso é uma conquista, às quais, conquistas ambas, ninguem seria capaz de colocar um defeito, verifiquei que eu passava a ser acusado de mobralizar a universidade e de ter feito uma farsa de alfabetização no Brasil. Nas tribunas dos comícios eleitorais, isto causa grande efeito. Mas na tribuna do Senado é diferente. Podemos debater. E ainda há dias, eu tinha oportunidade de debater essa chamada perda da qualidade do ensino brasileiro, ao longo dos últimos anos, para reprimir o partido de oposição ao meu, para que se discutisse não nos limites do tempo que é tão exíguo o destinado a um Senador falar no período de expediente de 30 minutos ou no período posterior da ordem do dia - uma hora. Mas, sem tempo limitado, um Comissão que investigasse, precisamente, a quebra da qualidade do ensino brasileiro, para verificar se ela se localiza nos últimos anos ou se ela é uma velha e crônica queixa dos educadores nacionais. Vou mais longe: durante os quatro anos e três meses, apenas duas escolas médicas foram autorizadas a funcionar. E ambas não foram da iniciativa federal. Foram de dois Estados. E, a partir daí, assumi o compromisso com a Comissão de alto nível criada para fazer a análise do ensino médico no Brasil, de nenhum outro projeto levar ao Presidente da República. E o cumpri.

Porque Comissão de alto nível? - Pela retumbância da expressão.

Bastaria que nós tivéssemos criado uma comissão para a análise do ensino médico. Mas no Brasil, quando se quer dar grande importância, a Comissão é de alto nível. E os inquéritos, quando são inquéritos sérios, são rigorosos. Eu cometi, portanto, minha concessão à palavra, mas a resposta dessa Comissão de médicos e educadores brasileiros, foi a melhor que nós podemos ter. E não ficar a impressão do enérgico, que é muito fácil posar de enérgico, fechando escolas. Nós, ao contrário, demos prazos fatais para que essas escolas se compuzessem de acordo com os mínimos pré-requisitos exigidos para o funcionamento de uma escola médica. E assim foi feito. Depois, veio a Comissão de alto nível de Engenharia. Depois veio a de Arquitetura. Depois veio a de Agronomia. Sessenta e uma vezes nós sancionamos escolas brasileiras de nível superior e chegamos afinal a fechar uma na Capital de São Paulo, com o nome de Instituto Politécnico, graduando engenheiros. Portanto, Magníficos Reitores, Senhores Professores, permiti que eu traga esta palavra neste instante em que recebo este título, relacionado com a responsabilidade de não deixar que esta Casa seja manchada pela presença daquele que teria sido o Ministro da contra-educação nacional.

Não me sinto senão responsável por aquilo que pratiquei. E até em relação a este famoso Decreto-lei 477, eu me dispus a discuti-lo e a mostrar quantas vezes ele foi aplicado. Tantas vezes o

apliquei no passado, tantas vezes o aplicaria agora, porque nas trinta e oito vezes que nos quatro anos o apliquei, este Decreto ficou restrito, exclusivamente, a estudantes que no campo da Universidade, participaram do processo de luta armada para a derrubada do Governo. Se uma democracia ou aquilo que se pretenda que seja uma democracia não se defende do tipo de seus adversários que não são confundidos com oposição, mas com a contestação armada, não merece o nome de regime. E se, para posar de simpático, eu fosse conivente com a destruição e o suicídio do regime, eu não teria a autoridade de merecer, sequer, a confiança do Presidente da República.

Respeito os que divergem de mim. E se eles divergem no campo da oposição, os respeito tranquilamente. Chego a respeitar os que divergem no campo até da contestação violenta. Não respeito os que divergem utilizando a calúnia, a infâmia e a grosseria vulgar. Mas, ao respeitar aqueles que chegam até a contestação, admito que o respeito tem um limite: é o limite da responsabilidade. Aqueles que sabem o risco que correm e tomam esse risco com consciência, merecem o respeito nosso. Mas não merecem um tratamento generoso, pois não teria cabimento, no momento em que são eles os que pretendem derrubar, pela força das armas, um regime constituido. Nenhuma revolução vitoriosa se explicou perante a história. Somente as revoluções derrotadas é que precisam explicações.

Tenho hoje a honra de, no Senado da República, de bater com grandes debatedores. E entre eles, peço permissão para citar o Senador pelo Rio Grande do Sul, de partido oposto ao meu, que é o nobre Senador Paulo Brossard. Já discutimos, inclusive, o problema em que Sua Excelência é Doutor, que é o Direito Constitucional. E eu pedi que nós fossemos desviados da discussão direta e centrada no campo do Direito Constitucional, - fugíssemos dos epifenômenos, para chegarmos à discussão no que há de mais profundo da interpretação da violência no mundo de hoje. E disse desde logo: nem a fundamentação escatológica para mim existe, para utilizar a violência. E nestes onze anos não se verifica uma só palavra dos responsáveis pela revolução brasileira, que utilize a violência como uma justificativa para a conquista e a manutenção do poder.

E, no entanto, a minha geração ouviu aturdida um Hitler dizer que a violência é necessária para construir um milênio de civilização nova - ao seu feitio. E a minha geração ouviu e lê alguém que já morrera antes do nosso nascimento, - que era Karl Marx - dizer que a violência era a parteira da história. Aí estão dois casos opostos entre o nazismo e o comunismo, em que se considera a violência absolutamente necessária para esmagar até a pessoa humana. Já não me refiro ao indivíduo - que a sociedade tem sobre este direitos - mas não a pessoa

humana, com as suas prerrogativas intocáveis, para constituir um Estado poderoso.

Vivemos este drama, senhores professores, vivemos o drama da construção de um regime livre. Ninguem poderá sustentar, de sã consciência, que é contrário a um regime livre. E dentro da Universidade, ao chegar a ela, eu disse: lendo um pequenino discurso que tive o cuidado de fazê-lo lido e violentando o meu ponto de fazê-lo lido, também porque, de um modo geral, eu não consigo ler discursos. Quizera eu ter o aplomb, a tranquilidade de um Reitor Delfim para ler um discurso tão belo, uma peça destas, sem perder substância. Eu me perderia, à proporção que o lesse. Li frases como esta: A liberdade de cátedra, defende-la-ei - é princípio constitucional. Não posso entender a cultura pré-moldada e consentida. No primeiro caso, haveria uma mutilação das consciências. No segundo caso haveria a completa eliminação da capacidade de criação. Mas aduzi: Só não posso entender é que o professor possa transformar a sua cátedra e o auditório de seus alunos, que é um auditório cativo e não preparado para defender-se das inoculações ideológicas - repito - só não posso entender o professor na medida em que ele utiliza a cátedra para a catequese de seu ponto de vista pessoal.

Certa feita respondi a um estudante que me perguntava sobre os problemas de Ciências Sociais e o estudo de Marx, porque ele era feito nas Universidades brasileiras? E eu lhe respondi: porque deve ser feito. Porque seria a mutilação da formação de um estudante de Economia, se ele não tivesse o estudo de Marx, dentro da Universidade. Agora, uma coisa é o estudo de Marx, a radiografia de seu pensamento. A outra é o catecismo, é a catequese, e com esta eu não concordo.

Por isso, peço encarecidamente ao Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pelotas e aos professores integrantes dos quadros do Ministério da Educação e Cultura, que me permitam uma palavra de profundo agradecimento, pela honra de que hoje fui investido.

Certa feita, em uma Universidade em terras estranhas, ao receber um título de Doutor Honoris Causa, o meu coração pulsava, talvez como só pulsara antes, nos instantes em que o homem desobre a mulher. Mas pulsava, porque eu pensava na Pátria distante e pensava na homenagem que era menos dirigida a mim e mais dirigida ao meu País. Oxalá os professores e o Magnífico Reitor e os alunos permitam,

que eu, por transposição, guardadas as proporções, faça a mesma coisa hoje: que pense no meu País, no torrão em que eu nasci. E que para ele transfira, as honras imarcessíveis, de que sou hoje objeto. Até porque, para julgar um homem é preciso, pelo menos, conhecer-se o ditado árabe que diz: "Numa noite escura, uma pequenina formiga preta, sobre uma pedra negra, só Deus sabe que ela existe".

Muito obrigado,

(Agradecimento do Senador Jarbas Gonçalves Passarinho. - Improviso sem revisão do orador -)